

4 A Rara e Excelente História de Saladino

A *Rara e Excelente História de Saladino* é o título traduzido de nossa referência principal para esta parte do trabalho, a obra *al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l Mahasin al-Yusufiyya*, de Bahaheddin ibn Shaddad.¹ Neste capítulo, iremos discutir com mais pormenores, e a partir principalmente das fontes primárias a respeito, a trajetória política, militar e pessoal de Yussef Saladino, evidenciando elementos que contribuíram para sedimentar o mito que se formou posteriormente em torno de sua figura.

Selecionamos os aspectos que julgamos essenciais para a compreensão das categorias mentais presentes em sua época e atribuídas à sua pessoa – que correspondiam aos padrões mais elevados de sua época.

Conforme afirmamos anteriormente, as narrativas a serem citadas são apropriações originárias, as mais próximas aos fatos e personagens históricos em questão. Não correspondem a uma pretensa verdade documental e factual, mas são possuidoras de uma verdade literária e moral, e possuem, na maioria das vezes, comprovações cruzadas com outras fontes que comprovam a ocorrência do evento aludido.

Neste sentido, serão úteis outras narrativas além da de Ibn Shaddad. Outros dois escribas testemunharam momentos da vida de Saladino: Ibn al-Athir (1160 – 1233) e Imadeddin al-Isfahani (1125 - 1201). O primeiro, autor de *Kamil at-Tawarikh (A Perfeita História)*, um compêndio histórico do mundo árabe-muçulmano, foi testemunha ocular de alguns eventos, mostrando-se muitas vezes crítico em relação a Saladino, pois jurara lealdade a Nureddin. O segundo, mestre nas artes retóricas e na poesia, foi secretário de Nureddin e depois do Cádi al-Fadil de Damasco. Escreveu uma crônica que conta a história da conquista de

¹ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History os Saladin*.

Jerusalém por Saladino a partir da retórica ciceroniana.² Optamos por privilegiar, no entanto, o texto de Ibn Shaddad, que possui mais qualidade de detalhes, objetividade e menos verborragia retórica, tão presentes no estilo da época.

4.1 Baha' al Din Ibn Shaddad

Vejam as fontes da autoridade do relato. Seu autor, Baha' al Din Ibn Shaddad, ou simplesmente Bahaheddin, foi um cortesão companheiro de Saladino entre 1188 até o falecimento do sultão, em 1193. Além de alto funcionário do Estado, um sentimento de amizade desenvolveu-se entre os dois, e Ibn Shaddad usufruía a intimidade do Sultão, participando com ele de suas rezas ou ouvindo as histórias sobre a sua vida. A composição da obra ocorre em algum momento entre 1198 e 1228, sendo póstuma em relação ao seu personagem principal. Primeiramente, portanto, analisemos brevemente o lugar social de onde é proferido este discurso. Tal fala possui atributos próprios, determinados historicamente, indispensáveis para uma compreensão interna do fenômeno discursivo.

Nascido em Mossul em 1145, sua formação é similar a de tantos sábios e intelectuais islâmicos deste período: na escola primária, estudou o Alcorão, a Tradição Profética (*Adi*³) e Lei Islâmica. Posteriormente, formou-se na Madrasa Nizamyia⁴, em Bagdá, um dos principais centros de estudos superiores na época, onde se aprendia teologia, gramática, astronomia, filosofia e direito. Acabou por ser nomeado professor desta instituição, e posteriormente assumiu o cargo de professor na Madrasa de Mosul.

² *Ciceronian Eloquence on the Conquest of the Holy City*. Cf. GABRIELI, F., *Arab Historians of the Crusades*.

³ *Hadiths* são os “ditos” do Profeta Mohammed e dos Primeiros Califas que se converteram numa fonte complementar ao Corão em matéria de teologia e legislação.

⁴ *Madrasa* é uma escola superior de assuntos islâmicos. *Nizamyia*: construída por patrocínio do vizir Nizam al-Mulk. Cf. HOURANI, A., *História dos Povos Árabes*.

Ibn Shaddad já havia encontrado Saladino por duas vezes, ambas enquanto representante diplomático dos governantes Zângidas de Mosul, em embaixada para negociação de paz com o Sultão. Impressionado com suas capacidades, Saladino o convidara para assumir um grande cargo de direção na Madrasa de Manazil no Cairo, convite, no entanto, recusado pelo estudioso.

No ano de 1188, um ano após o “ano da vitória” da batalha de Hittin, na qual o exército islâmico massacrara as forças principais dos príncipes cristãos e das ordens religiosas (templários e hospitalários), Ibn Shaddad realizou o *Hajj* (a peregrinação obrigatória a Meca), e na volta presenteou Saladino com a sua nova obra, denominada *As Virtudes da Jihad*, e então passou a estar permanentemente a serviço do sultão. Assumiu o cargo de *Qadi al-Askar* (“juiz do exército”), que lhe conferia responsabilidades judiciais e administrativas, e ainda tornou-se confidente pessoal do Sultão. Após a morte deste, Ibn Shaddad teve papel ativo e influente em assegurar a transferência pacífica de poderes para membros da família do sultão, pois sua autoridade e equidade eram respeitadas por todos. As rendas que o Estado lhe pagava não eram modestas: cem mil *dirhams* anuais; mas o estilo de vida austero do homem de letras lhe garantiu uma grande poupança (mesmo tendo se casado com duas irmãs), quase toda utilizada na construção e no financiamento de escolas. Morreu em 1235, com a idade de 89 anos. Muitos dos dados biográficos aqui coletados provêm do Dicionário Biográfico redigido pelo seu discípulo, Ibn Khallikan⁵.

Além da obra aqui considerada, o *al-Nawadir*, sua produção literária é variada: livros sobre julgamentos legais, derivados de sua prática judiciária; o *Dala'il al-akham*, que estuda a tradição dos *Hadiths*; *al-Mujiz al-bahir*, obra sobre jurisprudência; o tratado *As Virtudes da Jihad* (cujo texto foi perdido) e o *Livro do Bastão*, no qual é discutida a relação entre Moisés e o Faraó⁶. Outros textos são ainda atribuídos a Ibn Shaddad, mas não comprovadamente. Esta breve lista contém um interesse específico, pois podemos avaliar o pensamento e os temas

⁵ Cf. RICHARDS, D.S., Introduction Separata de IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History os Saladin*.

⁶ O profeta hebreu Moisés, guiou a libertação de seu povo para fora do Egito, contra o faraó Ramsés II, em aproximadamente 1300 a.C.

colocados por um intelectual islâmico medieval, um sunita ortodoxo preocupado com o bom governo do Islã.

Portanto, ao analisarmos o texto de Ibn Shaddad, cabe atentarmos para a posição social deste autor: um agente do Estado, amigo pessoal do Sultão, que sincera e austeramente contribui para o esforço da *Jihad*; professor da autoridade ortodoxa sunita em uma Síria repleta de seitas, dissidências e infiéis. O ano de sua entrada para o serviço do Sultão também foi auspicioso: após a vitória de Hittin, Saladino tinha plena consciência de que a retomada de Jerusalém estava próxima, e este seria um momento histórico inesquecível para os muçulmanos. Isto, no entanto, não significa que a *História de Saladino* é uma encomenda direta do sultão; entretanto, ambos os homens tinham plena consciência da importância dos acontecimentos de que foram protagonistas para a posteridade. Não deixar a memória de Saladino e da reconquista de Jerusalém morrer: este é um dos objetivos principais do autor, e podemos considerá-lo bem sucedido. Bahaheddin passou a acompanhar Saladino somente após a conquista de Jerusalém; portanto, ao tratar do período anterior à chegada de Bahaheddin à corte de Saladino, iremos buscar outras fontes, quando necessário para a exposição do nosso argumento, o cronista Ibn al-Athir e o conselheiro Imadeddin al-Isfahani.

Qual a tipologia literária do *al-Nawadir*? Híbrido de biografia, história e literatura, em toda a obra a idéia de uma conduta exemplar é o eixo das descrições. Neste texto, Deus se faz presente na história humana apenas de forma indireta: enviando para seus fiéis do Islã, em tempos críticos, figuras exemplares, modelos que possuem um alcance universal e virtudes para se educar as gerações vindouras.

Assim, o autor demonstra a necessidade que sentiu em escrever esta biografia, pois Saladino, modelo heróico, deveria ser recordado como líder de um tempo de nostalgia da unidade do Islã. O autor considera o período histórico que presenciou como importante, extraordinário e maravilhoso (no sentido em que nele maravilhas humanas aconteceram). Faz um paralelo entre a época de Saladino e aquela das primeiras gerações do Islã, repleta de modelos de comportamento virtuosos, justificando assim sua empreitada. O conceito de tempo presente em seu texto é a de um tempo histórico que por vezes se condensa,

poucos anos críticos em que alguns fatos possuem enormes conseqüências, conforme nos conta em seu *Prólogo*.

Shaddad nos lembra que a vida de Saladino não foi uma carreira triunfante de conquista e expansão, mas uma difícil luta para reunir recursos e força moral que mantivessem unidos os muçulmanos em face a um grande desafio.⁷

Após uma vitória, logo adiante mais dificuldades e obstáculos o aguardavam. Por exemplo, após conseguir um dos objetivos maiores de sua vida, a conquista de Jerusalém (1187), Saladino amargou uma dura derrota diante da fortaleza de Acre (1190-1192) e teve que se defender dos ataques renovados da 3ª Cruzada, que reuniu forças dos reis da França - Felipe Augusto - e Inglaterra - Ricardo Coração-de-Leão. Extenuado, lutou contra levadas e levadas de cruzados que não findaram após o retorno de ambos os reis para a Europa. Suas muitas vitórias foram por vezes obscurecidas por derrotas importantes, como a queda de Acre (1190-1192). Austero, disciplinado e severo consigo mesmo, morreu com a idade de 55 anos; mas sua frágil saúde o levou a um envelhecimento precoce, segundo relatado por Shaddad e Ibn al-Athir.

As fórmulas religiosas que ocorrem no texto entre parênteses após o nome de uma pessoa servem para indicar, como um eufemismo, se ela se encontrava viva ou morta no momento da redação do texto, e qual a relação política e afetiva do autor com a pessoa em questão. Veremos mais adiante exemplos de epítetos e exortações em relação a inimigos e aliados do autor.

Cf. RICHARDS, D.S., Preface Separata de IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History os Saladin*, s.p..

4.2

Princípios básicos da crença religiosa ortodoxa (sunita) islâmica conforme a formulação de Ibn Shaddad

Praise to be God, who bestowed Islam upon us and guided us to the Faith, which continues in the fairest path, and who granted us the intercession of our Prophet, Mohammed (upon whom be the best of blessing and peace), and who made the lives of the early generations a model for those of understanding and who made the vicissitudes of life condemn every contingent state to pass away, in order that a fortunate man might not be misled and that one whose life the blows of sickness have trifled with might not despair.

I testify that there is no god but God alone, who has no partner, a testimony which quenches hearts' burning thirst.

I testify that our Lord Muhammed is His servant and Prophet, who opened doors to true guidance. Those who seek to open them must persevere with keys of obedience and submission. God bless him and his family with eternal blessings that last as long as time itself.⁸

Louvado seja Deus, que trouxe o Islã até nós e nos guiou para a Fé, que continua em seu justo caminho, e que nos presenteou com a intercessão do nosso Profeta, Maomé (sobre o qual haja o melhor de bênçãos e paz), e que fez a vida das gerações anteriores um modelo para aqueles de entendimento e que fez as vicissitudes da vida condenarem cada estado contingente a desaparecer, para que um homem afortunado não se desvie e para aquele cuja vida a desgraça assombrou com força não desespere.

Eu testemunho que não há deus, mas Deus apenas, que não possui companheiro, um testemunho que aquieta o coração.

Eu testemunho que nosso Senhor Maomé é Seu servo e Profeta, que abriu portas para o caminho verdadeiro. Deus abençoe ele e sua família com bênçãos eternas que dure tanto quanto o próprio tempo.

Há na fórmula “(...) *who made the lives of the early generations a model for those of understanding*” uma indicação da modelagem pedagógica do Islã medieval, baseada no exemplo dos grandes homens do passado. Desta forma, Deus teria garantido para a história dos muçulmanos a existência de grandes homens, de feitos memoráveis, especialmente nos anos que vão da revelação do Profeta ao último dos cinco primeiros califas (os *Rashidun*) para que as gerações posteriores pudessem aprender a partir de seu exemplo. Em sua época, Bahehedin enfatizou a importância da virtude do passado nos tempos difíceis do

⁸ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 13.

seu presente. Em sua concepção, da História pode-se extrair exemplos de virtudes, com função pedagógica para o agir no presente.

Ainda na citação anterior, a admoestação “*in order that a fortunate man might not be misled and that one whose life the blows of sickness have trifled with might not despair.*” indica uma tradicional concepção religiosa e filosófica sobre a vida do homem na terra: a de que todos os estados são contingentes. Na sociedade humana, a riqueza, a pobreza, a doença ou a saúde são dadas pelas vicissitudes da vida, e portanto são frágeis e passíveis de se alterarem. Os afortunados que se cuidem para que suas fortunas não lhes escapem, já os miseráveis não desesperem, pois que tudo é passageiro, inclusive o seu infortúnio. Observa-se nesse sentido, uma aproximação com a concepção greco-romana da Roda da Fortuna e seus caprichos, com a diferença que, no Islã, Deus é a causa final de todos os fenômenos.

4.3 Prólogo do *al-Nawadir*

When I observed the days of our Lord the Sultan al-Malik al-Nasir, the uniter of Islam, the supressor of the worshippers of the cross, the standard bearer of justice and fairness, Salah al-Dunya wa'l-Din, sultan of Islam and the Muslims, deliverer of Jerusalem from the hands of the polytheists, the servant of the Two Noble Sanctuaries, Abul'l-Muzaffar Yusuf ibn Ayyub ibn Shadi (and may God moisten his resting place with the dew of His good pleasure and let him taste at the seat of His mercy the sweet regard of faith), I came to believe the tales of early generations that improbability called false. I bore witness to the genuineness of the rare stories told of noble heroes, while the deeds of brave mamlukes of his days confirms the tales of champions that doubts impugned. I saw with my own eyes such endurance of hardships for the sake of God and strengthened my belief in such tales. The wonders of theses days were too great to be grasped by any mind or comprehended by any heart, their extraordinary facts too glorious to be fully expressed by any tongue or recorded on a page by any hand.

However, they were of such a kind that, once aware of them, one is unable to keep them hidden and anyone with knowledge of them cannot but relate their tales and stories. I was so enslaved by his favour to me, affected by his true friendship and the service I owed him that it is encumbent on me to set forth all his virtues that I have direct knowledge of and to relate all his excellent qualities that I have known.

I have decided to give in that connection a short account of what personal experience has dictated or of what I have been told, the source of which is close to complete reliability. This is just one part of a whole and little portion of a lot, to suggest the larger picture through the smaller and to judge the false dawn after the true dawn by its rays. This compendium of the history of his reign I have entitled *The rare and excellent history of Saladin* (...).⁹

Quando eu observava os dias do nosso Senhor o Rei Vitorioso, o unificador do Islã, o supressor dos adoradores da cruz, o porta-estandarte da justiça e legalidade, Salah al-Dunya wa l-Din, Sultão do Islã e dos Muçulmanos, que trouxe Jerusalém das mãos dos politeístas, o servo dos Dois Nobres Santuários, Abu l-Muzaffar Yusuf ibn Ayyub ibn Shadi (e que Deus umedeça seu local de descanso com o orvalho de Seu bom prazer e o deixe provar no assento de Sua misericórdia a recompensa doce da fé), eu vim a acreditar nos contos de gerações anteriores que a improbabilidade chamava de falsos. Fui forçado a testemunhar a genuinidade das raras estórias contadas de heróis nobres, enquanto os feitos dos bravos mamelucos de seus dias confirmaram os contos de campeões que a dúvida impugnava. Eu vi com meus próprios olhos tal sustentação de dificuldades pela graça de Deus que fortaleceu minha crença nesses contos. As maravilhas desses dias foram muito grandes para serem captadas por qualquer mente ou compreendidas por qualquer coração, seus fatos extraordinários muito gloriosos para serem totalmente expressos por qualquer língua ou escrita numa página por qualquer mão.

No entanto, elas [as maravilhas] foram de tal tipo que, uma vez ciente delas, alguém não pode mantê-las escondidas e qualquer um com conhecimento delas não pode senão relatar seus contos e estórias. Eu estava tão escravizado por seu favor por mim, afetado por sua verdadeira amizade e serviço que eu o prestava que é minha incumbência levantar todas as suas virtudes de que eu tive conhecimento direto e relatar todas as excelentes qualidades que eu conheci.

Eu decidi dar por esse motivo um pequeno relato do que a experiência pessoal me ditou ou o que me foi contado, a qual fonte é próxima à confiança completa. Isso é apenas uma parte do todo e pouca porção de muito, para sugerir o quadro maior através do menor e julgar “o falso poente do verdadeiro por seus raios”.

Esse compêndio da história de seu reinado eu intitulei “A rara e excelente história de Saladino”.

O título completo de Saladino, expresso nos termos do autor, compele a uma análise de seu significado. Era comum à época títulos longos e fórmulas complicadas. No início da Era Islâmica, a autoridade (dinástica, moral e religiosa) bastava-se e os títulos eram curtos, como “Califa”, “Profeta” ou “Iman”. No entanto, no tempo de Saladino, a sofisticação de costumes ocorrida ao longo dos séculos anteriores, a fragmentação do poder político e a endêmica rivalidade entre sultões fizeram proliferar os títulos, denominações e homenagens aos soberanos.

⁹ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.14.

Os dois primeiros títulos foram concedidos a Yussef pelo último califa fatímida, al-Adid. O epíteto *al-Malik* é traduzido, em geral, por “o Rei”. Atualmente, por exemplo, este título aparece, por exemplo, na denominação do monarca saudita: *Malik al-Mamlaka al-`Arabiyya as-Sa'udiyya* (“Rei do Reino da Arábia Saudita”, título atual do chefe de Estado deste país);¹⁰ *al-Nasir* significa “o que ajuda (o povo)”, “o vitorioso”.¹¹ Atualmente constitui denominação comum na língua árabe, em nomes como *Gamal Abd an-Nasir*, presidente do Egito entre 1965 e 1970.

Salah, ou *Salat*, é um vocábulo de múltiplos significados: é primariamente a reza ritual islâmica, mas etimologicamente provém de palavras como bênção, súplica, honra; no Alcorão significa “ir adiante”. *Al-Dunya* é uma palavra que refere-se ao mundo terreno, enquanto *Din* significa, entre outros sentidos, “religião”, entendida como o modo de vida correto. D.S. Richards traduz esse título – *Salah al-Dunya wa'l Din* - como “a bondade desse mundo e da religião”. Sua forma abreviada, *Salah al-Din*, deu origem ao latinizado *Saladino*, *Saladin* ou *Salaheddin*.¹²

O título de *Sultão* provém de seus poderes militares: no tempo de Saladino, o sultão correspondia a um governante com poderes territoriais, militares e legais reconhecidos, submetidos teoricamente ao califa, sucessor do profeta Maomé. Havia vários sultões no mundo islâmico neste período, em sua maioria turcos de diversas tribos, cujos deveres eram proteger os territórios do Islã “em nome do califa”. Desde a vinda dos turcos ao Oriente Próximo, durante o século XI, os califas abássidas perderam de vez o seu já abalado poder político e militar para os líderes tribais turcos, mantendo apenas a representação simbólica e religiosa do *Dar al-Islam*.

Yussef é também aquele que devolveu Jerusalém das mãos dos *politeístas* - são os cristãos, que sob este ponto de vista adoram três deuses simultaneamente (a Trindade), além dos santos, da santa cruz e muitas outras superstições (na

¹⁰ IN HUGHES, T.P., *A Dictionary of Islam*.

¹¹ Cf. BEESTON, A.F.L., *Arabic Nomenclature: A summary guide for beginners*. Oxford, 1971.

¹² Cf. HUGHES, T.P., *A Dictionary of Islam*.

perspectiva islâmica)¹³. Muitos muçulmanos consideravam os cristãos como enganados ou desviados da verdadeira fé, ao mesmo tempo em tinham pela figura de Jesus grande respeito e admiração.

Outro título tradicional do mundo islâmico é o de *Servo dos Dois Nobres Santuários* - Meca e Medina, duas das três cidades mais sagradas do Islã (junto com Jerusalém), situadas perto 300 km uma da outra, na região oeste da Península Arábica. O dever de qualquer governante muçulmano que reinou, reina ou reinará sobre esta região é a de protegê-la e viabilizar a peregrinação de devotos de toda a parte do mundo. Esta denominação ainda é um dos títulos do atual rei da Arábia Saudita, “Guardião das Duas Mesquitas Sagradas”.¹⁴

Bahaheddin utiliza ainda em sua fórmula para nomear o sultão o sistema de denominação do árabe clássico: os elementos nomeadores *Kunya*, *Ism* e *Nasab*. *Abu l-Muzaffar*, sua *kunya*, é uma referência ao primogênito: “pai de Muzafar”. *Yusuf* é o seu nome pessoal, ou *ism*: “José”, segundo a lenda do profeta bíblico de mesmo nome; *ibn Ayyub* constitui o *Nasab*, indicação patronímica: “filho de Jó”, e ainda *Ibn Shadi*, *Nasab* que indica quem foi seu avô, Shadi, ou “Cantor”. Este sistema de denominação ainda possui mais elementos, que podem indicar origem, profissão ou outra característica do portador, mas o mais importante e antigo é o *Nasab*, que pode estender-se em cadeia até a primeira geração conhecida ou mítica de uma família. Um único nome pode assim indicar a árvore genealógica, profissão e cidade de origem de seu portador, facilitando a identificação do lugar social de um interlocutor.

Ainda no prólogo, Ibn Shaddad faz algumas breves considerações metodológicas. Em primeiro lugar, o autor assegura que seu relato é baseado no mundo real, em fatos humanos que ele próprio testemunhara, afastando a hipótese de milagres ou intervenções divinas diretas. Ele considera a história de seu tempo como possuidora de fatos relevantes e importantes para o futuro, pois experimentou eventos e personagens maravilhosos, raros, quase inverossímeis. O

¹³ Cf. RUNCIMAN, S., *A História das Cruzadas* e HOURANI, A., *Uma História dos Povos Árabes*.

¹⁴ Ainda é um dos principais deveres e fator de legitimação monárquica a manutenção e expansão dos locais sagrados, cujas capacidades foi aumentada para milhões de pessoas durante a década de 1980 com o rei Ibn Abdul-Aziz. Cf. Sítio oficial da embaixada da Arábia Saudita em Brasília: <http://www.mofa.gov.sa/Detail.asp?InSectionID=2606&InNewsItemID=40106>

autor admite a sua desconfiança anterior em relação às histórias de heróis do passado, mas foi obrigado a aceitar a sua veracidade quando ele próprio testemunhou fatos tão incríveis quanto.

Shaddad expõe o projeto de seu livro como sendo uma necessidade imposta pelos acontecimentos, os quais ele tem o cuidado de assegurar como verdadeiros, de acordo com seu próprio testemunho ou de fontes confiáveis. O seu relato sobre Saladino, portanto, inicia-se com mais riqueza de detalhes após junho de 1188, um ano após a vitória na batalha de Hittin (1187 – o “ano da vitória”). Para eventuais esclarecimentos e fatos sobre a vida de Saladino até este ponto, nossa referência será outro historiador contemporâneo, Ibn al-Athir.

Ibn Shaddad reconhece o seu comprometimento e lealdade para com o sultão, o que, no entanto, não o impede de oferecer apenas relatos verdadeiros, selecionados conforme o grau de virtude exemplar que oferecem, de maneira a montar o quadro resumido proposto pelo autor. Rara é a história de Saladino, na medida em que sua sensibilidade, bondade, generosidade e tolerância são dons raros para os governantes de qualquer época, especialmente em tempos belicosos. Excelentes são as virtudes relatadas por Ibn Shaddad, que funcionam como exemplo e ideal a serem seguidos.

A *História* de Ibn Shaddad diz respeito a coisas maravilhosas, mas são maravilhas humanas, do mundo terreno. Milagres e o próprio Deus não interferem em sua narrativa; as causalidades históricas são secularizadas. Em seu texto, as batalhas são vencidas por cristãos ou muçulmanos não por conta do favor de Deus na ocasião, e sim por causas estratégicas, como o tamanho dos exércitos, a tática de seus comandantes e suas desavenças políticas. Os feitos e as virtudes de Saladino, embora heróicas e às vezes improváveis, são possíveis para qualquer homem. O toque divino nesta história ocorre por conta dos protagonistas humanos, que podem ou não andar em direção à Virtude e ao aprimoramento moral e religioso. Agora, juntos com Ibn Shaddad, tentaremos montar um quadro da personalidade e das virtudes do sultão conforme imortalizados pelo autor.

4.4 Do nascimento de Saladino à expedição egípcia

According to information we have heard from the tongues of reliable sources who traced it and on its basis eventually constructed his horoscope by the dictates of the art of astrology, his birth took place during the months of the year 532 [1137-8] and in the castle of Takrit. His father, Ayyub ibn Shadi, (God have mercy on him) who was governor there, was a noble, generous man, mild and of excellent character. He had been born in Dvin. Later it came about that he was transferred from Takrit to the city of Mosul, and his child moved with him and there resided until he came of age. His father was a respected commander, as was his father's brother, Asad al-Din Shirkuh, in the service of the Atabeg Zanki.

His father then chanced to be transferred to Syria (may God preserve it) and was given Baalbek, where he remained for a while. His son moved to Baalbek and lived there in the service of his father, being educated under his wing and imbibing his good morals and manners, until signs of good fortune became visible in him and marks of leadership and lordship were manifest. Al-Malik al-Adil Nur al-Din Mahmud ibn Zanki (God have mercy on him) advanced him, relied on and looked to him, and made him a favoured intimate. It continued to be the case that, each time he was advanced, he would demonstrate further cause to require his promotion to a higher position. Then came the time for his uncle, Asad al-Din, to make his expedition to attack Egypt.¹⁵

De acordo com as informações que escutamos de fontes confiáveis que as relataram, e das quais foi elaborado seu horóscopo pelos ditames da arte da astrologia, seu nascimento ocorreu durante os meses do ano 532 [1137-8], no castelo de Tikrit. Seu pai, Ayyub ibn Shadi (Deus tenha misericórdia dele), que lá era governante, era um homem nobre e generoso, equilibrado e de excelente caráter. Ele nascera em Dvin. Depois veio acontecer que ele foi transferido de Tikrit para a cidade de Mosul, e sua criança mudou-se com ele e lá residiu até atingir a maioridade. Seu pai foi um respeitável comandante, assim como foi o irmão de seu pai, Asad al-Din Xhirkuh, a serviço do Atabeg Zanki.”

Seu pai então teve a oportunidade de ser transferido para a Síria (que Deus a preserve) e lhe foi dada [a cidade de] Baalbek, onde ele permaneceu por um tempo. Seu filho mudou-se para Baalbek e viveu lá a serviço de seu pai, sendo educado embaixo de suas asas e aprendendo seus padrões morais e boas maneiras, até que os sinais da boa fortuna ficaram visíveis nele e marcas de liderança e senhorio manifestaram-se. Al-Malik al-Adil Nur al-Din Mahmud ibn Zanki (Deus tenha misericórdia dele) o promoveu, confiou e olhou por ele, e fez dele um de seus favoritos na sua intimidade. Continuava a ser o caso que, cada vez que ele ascendia, ele iria demonstrar mais razões para a sua promoção a posições maiores. Então veio o tempo para seu tio, Asad al-Din (Xirkuh), comandar sua expedição para atacar o Egito.

¹⁵ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 17.

Esta é um breve relato da vida do jovem Saladino até ele se encontrar no palco de sua ascensão ao poder: o Egito. Segundo Maalouf, Saladino combinava humildade com uma sorte excepcional – o que o levou a seu destino de líder de seu povo.

O relato de Ibn Shaddad começa considerando as origens da ascensão dos ayyúbidas. Seu pai e seu tio eram *emires* (comandantes militares) a serviço dos Zângidas¹⁶, representantes das tribos curdas no fragmentado Império Seljúcida. Nascido no Castelo de Tikrit (atual Iraque), no ano de 1137, acompanhou em sua infância e juventude as expedições do pai e do tio, acabando por ser um dos preferidos do rei Nureddin, que na época empreendia um esforço político e de propaganda a fim de mobilizar os muçulmanos para a causa da *Jihad*. O local de nascimento, por coincidência, é o mesmo do ex-presidente iraquiano, Saddam Hussein al-Tikriti, o que ajudou este ditador a divulgar sua imagem enquanto um “novo Saladino”.

Segundo Amin Maalouf, a ascensão de Saladino iniciou-se quando o rei Nureddin envia o tio de Saladino, Xirkuh, em uma expedição para conquistar o Egito, governado à época pela dinastia Fatímida (de orientação religiosa xiita, contrária, portanto, à ortodoxia sunita dos dirigentes turcos), na posição de *emir* em sua primeira missão militar. Para um jovem aparentemente desprezioso e sem ambição, era um início de uma carreira gloriosa¹⁷.

O Egito Fatímida, após muitas campanhas e reveses, foi totalmente conquistado pelo general Xirkuh, e seu sobrinho, Saladino, o que resultou no término do domínio xiita na região. Com a morte súbita de Xirkuh em um banquete comemorativo, Saladino herda o controle político do Egito e o título de Mestre do Cairo, ainda que teoricamente estivesse sob jurisdição de Nur-al-Din

A tensão entre os dois líderes, que poderia ter sido o início de uma disputa bélica, foi habilmente contornada por Saladino, que reiterou a sua lealdade ao já idoso sultão, que não demorou muito tempo para falecer. Após o falecimento de

¹⁶ Dinastia de origem turca de *atabegs*, “tutores de príncipes”, que dominaram partes da Síria e da Mesopotâmia durante um curto período no século XII. Os dois principais soberanos, Zinki e Nur-al-Din, foram os precursores de Saladino no domínio da Síria.

¹⁷ Cf. MAALOUF, A., *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 167.

Nur-al-din, Saladino torna-se, de fato, o principal líder muçulmano das terras da Síria e do Egito, após submeter algumas lideranças locais hostis ao seu governo.

Insolente, Saladino geralmente precaveu-se de sê-lo; mas insolente, sua sorte o é com certeza. E é justamente isso que irrita seus adversários. Pois esse oficial curdo de trinta e seis anos [em 1174] nunca foi um homem ambicioso, e aqueles que observaram sua estréia sabem que ele facilmente se teria contentado em ser um emir entre tantos outros se a sorte não o tivesse projetado, contra a sua vontade, diante do palco.

Foi contra a sua vontade que ele partiu para o Egito, onde o seu papel foi mínimo na conquista; e entretanto, em razão mesma de seu retraimento, se elevou ao cume do poder. Ele não tinha ousado proclamar a queda dos fatímidas, mas, quando foi forçado a tomar uma decisão nesse sentido, se viu herdeiro da mais rica das dinastias muçulmanas. E quando Nureddin resolveu recolocá-lo em seu devido lugar, Yussef nem mesmo sentiu desejo de resistir: seu mestre se apagou subitamente, deixando como sucessor um adolescente de onze anos, as-Saleh.¹⁸

No Cairo, hesitou em decretar o fim da dinastia fatímida conforme fora determinado por Nur-al-din, pois temia pelo fim da base de legitimação popular de seu governo, pois fora nomeado pelo último califa fatímida, o jovem e doente Al-Adid¹⁹, e adquirira sua confiança e amizade; além disso o jovem califa tornara-se seu amigo. Mas, quando o califa sucumbe à doença, Saladino é declarado senhor do Egito, provocando diretamente Nur-al-din. Saladino postergou até onde pôde o confronto com seu antigo mestre, pois o reverenciava e o amava como um pai, política e afetivamente. No entanto, quando ocorreu a passagem deste soberano, Saladino não hesitou em fortalecer suas posições na Síria, no intuito de “proteger” o filho de Nur-al-Din, as-Saleh, de “intrigas de seus inimigos”. Com efeito, o herdeiro adolescente de Nur-al-Din é mantido em seu castelo até a sua morte poucos anos depois, o que correspondeu a mais um golpe de sorte a favor da carreira de Saladino. A partir de então, tornou-se o líder incontestável da Síria e do Egito, conquistando posteriormente o Iêmen e partes da Jazira (na Península Arábica).

Contra todas as adversidades – o crescente fluxo de cruzados vindos da Europa, as disputas internas entre os muçulmanos, sua saúde progressivamente fragilizada em anos de guerras, parecia que a Fortuna sorria perante seu comportamento exemplar. A história de Saladino é a história da luta contra a

¹⁸ MAALOUF, A., *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p.p. 166-167.

¹⁹ *Ibid.* p. 162.

adversidade, e possui seus momentos difíceis e dramáticos, principalmente quando os muçulmanos perdem a fortaleza de Acre para Ricardo Coração-de-Leão.

4.5 Sobre sua aderência às crenças religiosas e observância das matérias da Lei Sagrada

He took his creed from proof by means of study with the leading men of religious learning and eminent juriconsults. He understood of that what one needs to understand, such as, when disputation occurred in his presence, he could contribute excellent comments, even if they were not in the language of learned specialists. Consequently he gained a creed free from the defilement of anthropomorphism but his studies did not dig too deep to the extent of denying the divine attributes or misrepresentation. His creed followed the straight path, agreed with the canon of true discernment and was approved by the greatest of the ulema.²⁰

Ele pôs seu credo à prova por meio de estudos com os principais homens de saber religioso e eminentes juriconsultos. Ele entendia o que alguém precisa entender, tanto que, quando disputas ocorriam em sua presença, ele poderia contribuir com excelentes comentários, mesmo que eles não fossem na linguagem dos especialistas. Conseqüentemente ele ganhou um credo livre da corrosão do antropomorfismo mas seus estudos não iam tão fundo a ponto de negar os atributos divinos ou mal-interpretá-los. Sua fé seguia o caminho reto, concordava com o cânone do verdadeiro discernimento e era aprovado pelo maior dos ulemás.

Ibn Shaddad nos descreve Saladino como um campeão de sua fé. O sultão aparece como um correto ortodoxo, curioso sobre a sua fé, ainda que dentro dos limites aceitáveis pela ortodoxia sunita. Sua corte, seja em Damasco ou no Cairo, ou até mesmo nos acampamentos militares, era o local de debates, tomada de posições, afirmação de uma identidade e a instituição do que era ou não aceitável.

O limite tolerável da discussão filosófica oficial, neste caso, era certamente a afirmação da apostasia. Rigorosamente proibida pela *sharia*²¹, o muçulmano que abandonasse sua religião deveria receber a pena de morte. A outra face da tolerância islâmica com cristãos e judeus era, por vezes, a intolerância que beirava

²⁰ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 18.

²¹ *Sharia*, ou “caminho”, é o corpo de leis do Islã sunita.

o ódio contra os cismáticos (xiitas) e hereges. Seitas menores, como a dos Assassinos²² e filosofias radicalmente heréticas, como a de al-Suhrawardi²³, eram um perigo potencial e real para a política de unificação dos muçulmanos empreendida por Saladino.

Shaddad menciona o antropomorfismo e a negação dos atributos divinos como possíveis perigos; o antropomorfismo seria realizado apenas por povos ou pessoas ignorantes, alheias à fé. Já a negação dos atributos divinos era um perigo que emanava da filosofia e do misticismo filosófico e alguns filósofos sofreram, neste caso, os rigores da lei.

Para Saladino era fundamental a aprovação dos ulemás. Era o primeiro de sua família a ascender à autoridade de sultão. Estrangeiro, de origem curda, era considerado não por poucos como um usurpador da dinastia zângida, que reinara até 1174 na Síria. Sua fé era considerada verdadeira e correta, e isso fortaleceu sua liderança, carisma e autoridade perante o povo e os emires.

Vejamos agora a sua relação com os pilares da fé islâmica:

If he fell ill, he would summon the imam on his own and force himself to stand and pray in company. Over the years he used to practise the daily devotions of the mystic.

While he remained in possession of his faculties he never neglected to perform his prayers. (...) If ever prayer time found him travelling, he would dismount and pray.

He fell a little short in respect of fasting on account of illnesses that he successively suffered in numerous Ramadans. Qadi al-Fadil undertook to keep a record of those days and he began to fulfil those missed obligations at Jerusalem the year he died.. (...) It was as though he were inspired to discharge his obligation, and he continued until he had fulfilled what was due.

He always intended and planned it [peregrinação a Meca N.T.], especially in the year of his death. He confirmed his determination to perform it and he ordered preparations to be made. (...) However, he was prevented because of lack of time and the unavailability of what was proper for such a person. He therefore put it off till the next year, but God decreed what He decreed.

As for superogatory charity, that exhausted all the property he owed. He ruled all that he ruled, but died leaving in his treasury in gold and silver only forty Nasiri

²² Cf. sessão 4.12 deste trabalho.

²³ Cf. sessão 4.7. deste trabalho.

dirhams and a single Tyrian gold piece. He left no property, no house, no estate, no orchard, no village, no farm. Not a single item of property of any sort.²⁴

Se ele caísse enfermo, ele próprio chamaria o imam e forçaria-se a levantar e rezar acompanhado. Com os anos ele passou a praticar as devoções diárias dos místicos.

Enquanto permaneceu em posse de suas faculdades ele nunca negligenciou a reza. Se a hora da reza o pegasse viajando, ele iria desmontar e rezar.

Ele faltou um pouco (em relação aos deveres religiosos) a respeito de jejuar por conta de enfermidades que ele sucessivamente sofreu em numerosos Ramadãs. Qadi al-Fadil tomou registro desses dias e ele começou a cumprir essas obrigações em Jerusalém no ano em que ele morreu. Era como se ele fosse inspirado a desobrigar-se de seu dever, e ele continuou até ter cumprido o que era devido.

Ele sempre teve a intenção e planejou peregrinar a Meca, especialmente no ano de sua morte. Ele confirmou sua determinação para pô-la em prática, e mandou que preparassem sua viagem. No entanto, ele foi impedido por falta de tempo e inviabilidade do que era próprio para sua pessoa. Ele então adiou para o próximo ano, mas Deus decretou o que decretou.

Em relação a sua caridade, esta esgotou toda a propriedade que ganhou. Ele governou tudo o que ele governou, mas morreu deixando em seu Tesouro em ouro e prata apenas 40 dirhams de Nasiri e uma única moeda de ouro de Tiro. Ele não deixou nenhuma propriedade, casa, ou feudo nem pomar, vila ou fazenda. Nenhum item de propriedade de nenhum tipo.

O islã sunita possuía, e possui, seus 5 Pilares da Fé. *Shahadah, Salah, Zakah, Sawm e Hajj*. O primeiro, *Shahadah* constitui o credo principal e inquestionável: crer no Deus único e em seu profeta, Maomé. Ibn Shaddad nos mostra em que medida Saladino alcançou os outros quatro pilares.

Em relação às cinco rezas diárias do ritual do *Salah*, sua conduta foi impecável. Estivesse viajando ou doente, sempre fez questão de cumprir à risca essa conduta definidora de sua fé.

Cumpriu igualmente com o preceito de *Zakat*, podemos dizer que todo o seu sultanato foi orientado por essa concepção de doação aos pobres. Numa estrutura política e econômica em que os cofres do Estado confundiam-se com as finanças pessoais do soberano, podemos afirmar que Saladino foi um grande redistribuidor de riquezas. Não lhe faltaram oportunidades para enriquecer na guerra, entre saques, resgates e tributos – práticas comuns no cotidiano de guerra e trégua entre

²⁴ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 18–19.

os *franj* e os muçulmanos. Veremos mais adiante como seus tesoueiros tinham o hábito de esconder certa quantia do soberano, para eventuais emergências que pudessem ter de enfrentar. Neste aspecto, podemos considerar as críticas de alguns de seus conselheiros que Saladino beirava a irresponsabilidade no trato com o dinheiro do tesouro mas, certamente, para ele a caridade possuía um sentido sagrado, que a punha acima de interesses administrativos mundanos.

O pilar do *Sawm*, o jejum obrigatório diurno do mês do *Ramadan*, ofereceu um desafio mais difícil para o sultão. Era dever abster-se de toda comida, bebida e relação sexual. Entretanto, seus médicos obrigavam-lhe a comer mesmo durante o dia se achassem que tal era necessário para o restabelecimento de sua saúde. Um dos médicos de Saladino foi o judeu Maimônides²⁵, rabino, homem de letras e filósofo, para o qual provavelmente a consideração pela saúde de seu paciente era mais urgente que o dever do jejum religioso.

Mas nem mesmo toda a força da sua vontade conseguiu com que realizasse o *hajj*, a peregrinação a Meca que todo muçulmano idealmente deveria realizar pelo menos uma vez na vida. A presença física e pessoal do sultão nos assuntos de guerra e governo era imprescindível. Reviravoltas e ataques surpresas eram constantes em seu embate contra os *franj*. A viagem duraria meses, e deveria ser feita de acordo com a posição política e social do peregrino. Nessa conjuntura, Saladino adiou sucessivamente seu dever pessoal por um dever coletivo maior – a *Jihad* contra os invasores infiéis.

A disciplina rigorosa nas obrigações religiosas de Saladino impressionava muitos em sua corte, numa época em que alguns membros da nobreza árabe muitas vezes negligenciavam os deveres religiosos para cuidar de seus prazeres pessoais. Esse tipo de comentário repete-se no texto, são exemplos de sua obstinação na sua *Jihad* pessoal. A idéia de *Jihad*, originalmente, significa o esforço interior para submeter a si próprio às leis de Deus²⁶. A disciplina mental e física para a manutenção do horário correto do *Salat* (o ritual das cinco rezas diárias obrigatórias) e o respeito ao jejum do mês do *Ramadan* combinavam-se

²⁵ Moshe ben Maimon (1135 – 1204), filósofo, teólogo, rabino e médico, autor de *O Guia dos Perplexos*, obra filosófico-aristotélica.

²⁶ Cf. sessão 3.9. deste trabalho, “Idéias e Práticas Políticas no Islã do Tempo de Saladino”.

invariavelmente aos contínuos esforços de guerra e a sua necessária presença no comando do exército e do Estado.

4.6 Sobre o seu temperamento e sua justiça

Saladin was just, gentle and merciful, a supporter of the weaks against the strong. Each Monday and Thursday he used to sit to dispense justice in public session, attended by the jurisconsults, the Qadis and the doctors of religion. The door would be opened to litigant so that everyone, great and small, senile women and old men, might have access to him. (...)

When a man called Ibn Zuhayr from Damascus appealed to him against Taqi al-Din, his nephew, send for him to be brought to the court of justice. (...) This was done, although the former was a courtier of the sultan, and then the dispute between them was heard, (...) and Taqi al-Din was one of those whom Saladin held most dear and respected, but he did not favour him in the matter of justice.²⁷

Saladino era justo, gentil e misericordioso, um patrono dos fracos contra o forte. A cada segundas e terças-feiras ele costumava sentar-se para distribuir justiça em sessão pública, ajudado por jurisconsultos, Cádís e doutores da religião. A porta deveria ser aberta para o litigante para que todos, grandes e pequenos, mulheres senis e homens velhos, pudessem ter acesso a ele.

Quando um homem chamado Ibn Zuhayr de Damasco apelou a ele contra Taqi al-Din, seu sobrinho, mandou que o trouxessem perante a corte de justiça. Isto foi feito, mesmo o último sendo um cortesão do sultão, e quando a disputa entre eles foi ouvida, (...) e Taqi al-Din foi um dos quais Saladino tinha mais querido e respeitado, mas ele não o favoreceu na matéria de justiça.

Este episódio ilustra a concepção eqüanime da distribuição de Justiça feita por Saladino. Nesta época em que a vontade do soberano tinha efeito de lei, Yussef fez questão de se submeter à lei correta, sem proteger seus aliados ou familiares perante as questões da Lei. Este procedimento garantia-lhe mais apoio popular, principalmente dos comerciantes urbanos, cujos negócios pediam que houvesse uma estabilidade jurídica e práticas legais definidas e justas.

²⁷ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 23 – 24.

O humor e a sociabilidade de Saladino também foram registradas por Bahaheddin, o que nos mostra um governante humano e cordial, ao contrário de tantos sultões caprichosos, violentos e passionais de épocas anteriores:

His cushion was sometimes trodden on when people crowded in on him to present petitions, but he was not at all affected by that. One day my mule shied painfully on his thigh, but he was smiling. On a windy and rainy day I preceded him into Jerusalem, when it was very muddy. My mule spattered him with mud, so that it ruined all he was wearing, but once again he was laughing. I wanted to drop behind him on that account, but he would not let me²⁸.

Sua montada era por vezes impedida quando o povo se aglomerava ao redor com petições, mas ele não era afetado por nada disto. Um dia minha mula se esquivou dos camelos, enquanto eu estava cavalgando em assistência e ele, e o pressionou fortemente à coxa, mas ele estava sorrindo. Num dia de vento e chuva eu seguia com ele em Jerusalém, que estava cheia de lama. Minha mula o sujou de lama, o que arruinou tudo o que ele estava vestindo, mas uma vez mais ele estava rindo. Eu queria me prostrar perante ele por causa disso, mas ele não me deixou.

Saladino perdoava facilmente as ofensas. Uma vez, durante o cerco a Cesaréia, contra Ricardo da Inglaterra, um grupo de *emires* recusou-se a obedecer suas ordens, alegando insuficiência de “benefícios” (isto é, queriam uma parte maior no butim). O sultão, furioso, lançou-se à batalha sem os emires e os seus soldados. Após a batalha, as pessoas pensaram que alguns emires seriam executados, no entanto,

Saladin’s son, al-Zahir related to me that on that day he was so fearful of him that he did not dare fall into his sight, although he had charged deeply [into the enemy] that day (...) There was not a single emir who did not shake with fear and believe that he was about to be arrested and reprimanded. (...) I came into his presence just after a lot of fruit had arrived from Damascus. He said, “Fetch the emirs so that they can eat some”. My worries were dispelled and I went to seek the emirs, who presented themselves very fearfully, but they found him in a happy and relaxed mood which restored their confidence, trust and contentment. They left him planning to break camp, just as if nothing at all had happened. Consider such forbearance which is not met with times like these nor related of men of his positioning in previous generations²⁹.

O filho de Saladino, al-Zahir, relatou-me que naquele dia ele estava com tanto medo dele que não ousava cair em seu olhar, mesmo ele tendo lançado-se profundamente no inimigo aquele dia. (...) Não havia um único emir que não tremesse de medo e acreditasse que estaria próximo de ser preso e recriminado. (...) Eu fui à sua presença logo após a chegada de frutas de Damasco. Ele disse: ‘Adentre os emires para que eles possam comer algumas’. Minhas preocupações dissiparam-se e eu procurei os emires, que estavam bastante amedrontados, mas eles o acharam num humor feliz e relaxado que restaurou as suas confianças e

²⁸ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.34.

²⁹ *Ibid.*, p.p. 34-35.

contentamento Eles o deixaram planejando atacar o inimigo, como se nada houvesse acontecido. Considere tal tolerância, que não é encontrada em tempos como este nem relacionada com homens de sua posição em gerações anteriores.

Tais gestos oscilavam entre a demonstração de fraqueza no comando militar e a fama de magnanimidade que Saladino cultuou. Se o sultão castigasse os emires, a base da confiança entre ele e seus subordinados poderia dissipar-se – o exército de Saladino dependia do apoio de sua causa e da boa vontade dos *emires* e disposição dos soldados.

Na primeira parte de seu relato, Ibn Shaddad narra uma série de acontecimentos pitorescos para demonstrar as virtudes do sultão. Muitas delas operam em um horizonte conceitual religioso próximo ao cristão, virtudes como a caridade, a generosidade e o desapego às coisas materiais. Sua hospitalidade era tamanha que nenhum convidado seu jamais saía de sua presença sem um dom (presente), uma prova de sua magnanimidade. Possuía virtudes também intelectuais, pois o soberano é conhecedor do bom falar, das tradições históricas e genealógicas do Islã, mestre em falcoaria e hipismo. Sempre honrou e patrocinou sábios, escolas e artistas.

Sua generosidade era tanta que, segundo Ibn Shaddad, seus tesoureiros escondiam sempre uma reserva dos cofres do Estado para qualquer emergência, pois sabia que se o sultão soubesse de uma soma guardada, fatalmente a doaria ao povo.

I have heard that the sultan departed from Jerusalem without keeping any of that money, wich amounted to 220,000 dinars.³⁰

Eu ouvi dizer que o sultão deixou Jerusalém sem guardar nenhum daquele dinheiro [o resgate dos cidadãos para a segurança em Tiro], que avolumava 220.000 dinares.

Velhos, viúvas, órfãos e ex-prisioneiros: a muitos destes o Estado garantia um mínimo de subsistência, em ações assistencialistas diretamente mantidas por Saladino, que se preocupava com o bem estar de seu povo.

When he took Acre, he released all the prisoners from their narrow confinement. There were about 4,000 of them. To each of them he gave expenses to allow them to reach their home town and their family.³¹

³⁰ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 78.

Quando ele tomou Acre, ele libertou todos os prisioneiros de seu estreito confinamento. Eram por volta de 4.000 deles. Para cada um ele pagou as custas para permitir que eles alcançassem suas cidades e suas famílias.

Talvez a virtude mais impressionante na personalidade do sultão fosse a sua tolerância. Saladino era perfeitamente capaz de se imaginar no lugar do Outro, de partilhar com esse Outro seus sofrimentos; sabia que mesmo um inimigo possui humanidade. Nesse sentido, esse reconhecimento de Si mesmo no espelho da alteridade é a antítese da reconstrução terrorista / fundamentalista da lenda em torno de Saladino. Sua capacidade de negociar com os príncipes cristãos propiciava um clima de coexistência e comércio entre os estados cruzados e o sultanato de Saladino que os cercava. Caravanas iam e viam, comerciantes árabes, judeus e cristãos estavam presentes nas principais cidades, antigos pontos de convergência de redes comerciais, seja lá quem fosse que as governasse.

Saladino recebe possíveis aliados cristãos como iguais e amigos:

When the lord of Sidon visited him at Nazareth, I saw how the sultan honoured him and received him graciously, ate a meal with him and, in addition, proposed that he should convert to Islam, telling him of some of its special excellencies and urging him to take the step.³²

Quando o senhor de Sídon o visitou em Nazaré, eu vi como o sultão o honrou e o recebeu graciosamente, comeu uma refeição com ele e, além disso, propôs que ele devesse se converter ao Islã, discorrendo sobre suas qualidades especiais e o urgindo a dar esse passo.

Um dia, quando Ibn Shaddad estava próximo a Saladino, quase na linha de frente da batalha, um dos guardas surgiu com uma mulher saída da frente cristã. Ela parecia muito nervosa, se lamentava e batia no peito, pedindo para ser atendida pelo sultão. Ela disse:

Muslim thieves entered my tent yesterday and stole my daughter. I spent all night until this morning pleading for help. I was told, "Their prince is a merciful man. We shall send you out to him to ask him for your daughter". So they sent me to you, and only from you will I learn of my daughter.³³

Ladrões muçulmanos entraram na minha tenda ontem e roubaram minha filha. Gastei toda a noite até essa manhã implorando por ajuda. Foi dito a mim: 'O príncipe deles é um homem misericordioso. Nós a enviaremos a ele para

³¹ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 38.

³² Ibid., p. 35.

³³ Ibid., p. 37.

perguntar sobre a sua filha´ Então eles me enviaram a você, e somente de você eu vou saber da minha filha.

De acordo com Bahaheddin, Saladino, após derramar algumas gotas de lágrima, mandou seus homens vasculharem o mercado de escravos em busca da menina, que foi encontrada pouco mais de uma hora depois, e devolvida à mãe.

Certa vez um prisioneiro *franji* disse para o soberano:

‘I was fearful before I saw this blessed face. After seeing him and coming before him, I am convinced that I shall see nothing but good´ The sultan relented towards him and graciously freed him.

‘Eu estava com medo antes de ver este rosto abençoado. Depois de o ver e vir à sua presença, eu estou convencido de que eu vejo nada além de bem´. O sultão foi até ele e graciosamente o libertou

O sultão percebia que essa imagem de extrema generosidade lhe era útil politicamente, ajudando a manter coeso todo o exército, já que naqueles tempos instáveis politicamente, a personalidade do soberano era um fator fundamental na consolidação de uma dinastia, principalmente a de Saladino, sem grandes tradições genealógicas, de origem curda (isto é, nem árabe, nem persa, nem turco, as etnias dominantes no Oriente Médio), que necessitava sempre reforçar sua legitimidade através da propaganda das virtudes e do esforço de *Jihad*. Saladino não representava – ele efetivamente encarnou o personagem que a Fortuna determinou para si: um governante piedoso e heróico. Tais atos de clemência lhe eram ditados tanto por uma inclinação interior natural para a compaixão como pelo reforço de sua imagem como um líder único e original. Afinal, o fortalecimento de seu poder favorecia a união dos muçulmanos contra os cruzados, o projeto da *Jihad* que consumiu toda a sua vida.

A sensibilidade muçulmana predominante neste momento específico indicava uma tendência a se aproximar do inimigo político e religioso. A divisão política da região em reinos, feudos, principados e cidades independentes - situação que perdurou até a unificação dos fragmentos islâmicos empreendida por Saladino - propiciava um contato cultural mais intenso e produtivo entre cristãos latinos e muçulmanos, que não se limitava mais à guerra, mas também florescia no comércio, nas alianças diplomáticas e na inevitável vida em comum, na qual sofriam as mesmas limitações impostas pela natureza.

4.7

O caso Suhrawardi, ou os limites da tolerância no Tempo de Saladino

He was full of reverence for the cult practices of the religion, believed in the resurrection of the body and that the righteous would be rewarded with Paradise and the evil-doers with Hellfire, accepted the truth of the provisions contained in the Holy Law, with a heart at ease with that, and hated the philosophers, those that denied God's attributes, the materialists and those who stubbornly rejected the Holy Law. He once ordered his son, al-Malik al-Zahir, the lord of Aleppo, to execute a young man that came forward, called al-Suhrawardi, of whom it was said that he rejected the Holy Law and declared it invalid.³⁴

Ele era cheio de reverência para as práticas do culto da religião, acreditava na ressurreição do corpo e que os justos seriam recompensados no Paraíso e os malfetores com o fogo do Inferno, aceitava a verdade das previsões contidas na Lei Sagrada, com o coração leve, e odiava os filósofos, os que negavam os atributos de Deus, os materialistas e aqueles que estupidamente rejeitam a Lei Sagrada. Ele uma vez ordenou seu filho, al-Malik al Zahir, senhor de Alepo, executar um jovem que apareceu, chamado al-Suhrawardi, de quem era dito que rejeitava a Lei Sagrada e declarava ela inválida.

O caso da condenação à morte de Sihab al-Din Suhrawardi, *al-Maqtul*, é interessante e ilustra os horizontes mentais daquela época, e os limites políticos impostos a estes horizontes. Saladino, como sultão, detinha a incumbência de executar a Lei, conforme originada por Mohammed e ampliada e interpretada pelos cádis (juízes) e ulemás (doutores da religião) de forma ortodoxa – isto é, a *Sunna*. Pois um dos piores crimes que um muçulmano pode cometer é o da apostasia (renegação da fé), que é precisamente o limite da tolerância do Islã clássico.

Aos “povos do livro” – judeus, cristãos e, por extensão, os zoroastristas persas – era garantido o direito de manter e professar a sua fé. Formavam normalmente bairros próprios nas cidades islâmicas. A sua conversão não era, como poderíamos pensar, incentivada pelos governantes, pois, inicialmente, somente os *Dimmis* “comunidades protegidas” pagavam impostos enquanto os muçulmanos não. Uma conversão em massa poderia ser a falência das finanças de uma cidade.

³⁴ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 20.

Em relação aos pagãos (politeístas da África ou xamânicos / animistas das estepes asiáticas), o mandamento da Lei era a conversão forçada ou a espada; neste caso, os muçulmanos deveriam esforçar-se para mostrar aos pagãos a verdade religiosa e as vantagens da nova fé – mesmo nesse caso a conversão deveria dar-se por adesão voluntária, bastando o convertido repetir a profissão de fé básica *lā 'ilaha 'illāl-lāhu Muhammadur rasūlu llāhi* (Não há outro deus além de Deus e Maomé é o mensageiro de Deus).

Já para os muçulmanos, convertidos ou natos (pois considerava-se que filhos de muçulmanos são automaticamente muçulmanos; e para um muçulmano casar-se com um não-crente, este precisava antes converter-se ao Islã), não havia este espaço de liberdade de escolha religiosa. Um muçulmano jamais deveria renunciar à sua religião, era uma falta grave cuja punição era o castigo de Deus e dos homens – a morte e o sofrimento no além-vida. Havia diversas tendências religiosas dentro do Islã, como as múltiplas seitas xiitas e as comunidades sufis, mas todas enfatizavam um monoteísmo maometano mais ou menos rígido.

Foram sobretudo alguns filósofos heterodoxos que mais se aproximaram da fronteira entre investigações teológica e filosófica e do rompimento com os cânones do islamismo. Suhrawardi, segundo Seyyed Hossein Nasr,

(...) buscou primeiramente reformar a filosofia peripatética aviceniana³⁵ predominante em sua época por meio do retorno aos fundamentos filosóficos estabelecidos pelos 'Antigos', a tradição dos filósofos divinos anteriores a Aristóteles – especialmente Platão. Em segundo lugar, ele buscou incorporar a mística à filosofia, algo que acreditava que estivesse no cerne da filosofia dos Antigos. (...) Suhrawardi confessa já ter sido “um zeloso defensor do caminho peripatético (...) e grandemente inclinado para ele” antes de “engajar-se em disciplinas místicas e no serviço para aqueles que vêm

No Islã (...), as doutrinas filosóficas de Ibn Sina foram interpretadas metafisicamente pelos *israqis* (iluminacionistas) e desse modo transformadas em uma doutrina que, sendo composta de filosofia peripatética, idéias herméticas, antigas idéias iranianas e doutrinas sufis, serviram ao propósito de guiar a razão desde o erro até a visão de verdade, e de preparar a alma para a catarse do mundo dos sentidos, culminando em iluminação e gnose³⁶

³⁵ Em outras palavras, a interpretação da obra de Aristóteles desenvolvida por Ibn Sina (Avicena 980 – 1037), que influenciou oriente e ocidente.

³⁶ Cf. NASR, S.H., *An Introduction to Islamic Cosmological Doctrines*; cf. Edrisi Fernandes *Sihab al-Din Suhrawardi, al Maqtul*.

De acordo com al-Sahrazuri, discípulo de Suhrawardi, a filosofia da iluminação é como

(...) a sabedoria baseada na iluminação, que é revelação, ou filosofia dos orientais, isto é, dos persas, o que é a mesma coisa, pois sua filosofia baseia-se em revelação e intuição mística (...) à manifestação das luzes inteligíveis, de seus mesmos princípios (=seus raios), e sua efusão sobre as almas perfeccionadas durante sua separação da matéria corporal³⁷.

Em sua filosofia da Luz, Suhrawardi considera que a verdade “advinda da Luz” possuiria uma linhagem de seus reveladores, linhagem totalmente heterodoxa para os padrões sunitas dominantes no tempo de Saladino. Os portadores da Luz seriam, por exemplo, os sábios egípcios (Seth e Hermes Trimegisto), gregos (Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles), pitagóricos islâmicos, “caldeus orientais” (indianos como o Buda, e também chineses) e iranianos (o imperador Cosroés). Todos estes teriam sido “depositários da Glória divina, que dissipa as trevas da ilusão do ser e encaminha o homem à sua origem divina”. O Islã sunita ortodoxo, no entanto, reconhece outros profetas, de linhagem bíblica: Abraão, Moisés, Jesus e Mohammed.

Henry Corbin³⁸ sintetiza o pensamento de Suhrawardi como um “platonismo neo-zoroastriano”, já que o filósofo ressuscitara elementos da antiga religião persa, como a sua hierarquia de anjos. Mas seu ecletismo religioso e filosófico ultrapassa qualquer classificação rígida. Os ulemás de Alepo, que pediram sua cabeça a Saladino, consideravam-no um defensor do imanato ismaelita, pois apregoava que o divino poderia estar oculto, aproximando-o da doutrina dos imãs ocultos do xiismo. Naquele momento, esta interpretação era potencialmente perigosa; o “Velho da Montanha”, Rashid al-Din Sinan, chefe da seita xiita ismaelita dos Assassinos, era inimigo declarado de Saladino, atentando contra a sua vida em duas ocasiões.

Nominalmente, Suhrawardi vinculava-se ao sufismo shafiita³⁹, mas ao mesmo tempo escrevia sobre idéias alternativas sobre a reencarnação, atribuídas ao Buda e aos “orientais”. A idéia de reencarnação conforme adotada pelo budismo expressa uma crença totalmente contrária à doutrina islâmica, e é

³⁷ Cf Al-SAHRAZURI, *Sarh Hikmat al-Israq* (Comentário sobre a Filosofia Iluminativa, p. 16.

³⁸ Cf CORBIN, H., *The Man of Light in Iranian Sufism*.

³⁹ Corrente mística do Islã, aceita pela ortodoxia sunita.

igualmente refutada pelos filósofos aristotélicos. Uma alma sofreria múltiplas reencarnações, num ciclo cármico que deveria ser cumprido até a evolução final do espírito, que se torna um com a totalidade. Suhrawardi parece dar certa razão argumentativa aos “orientais”, o que provocou a ira dos ulemás sunitas, preocupados com a integridade de sua fé. O Islã compreende esta questão de modo muito diferente, seguindo de perto o conceito cristão: após a vida na Terra, as almas vão para um local de descanso até o julgamento final por Deus e a separação entre os justos e os não-justos.

Iluminação através do próprio esforço; anjos zoroastrianos; doutrinas budistas sobre a reencarnação; iluminados gregos, persas e hindus e filosofia grega – o caminho recomendado por Suhrawardi era bastante heterodoxo para seu lugar e sua época, e possibilitou muitas acusações de abandono da fé islâmica, apostasia, delito que se pagava com a própria vida. Apesar de se considerar um muçulmano de pleno direito, suas doutrinas realmente afastavam-se da essência desta fé. Os filósofos, mesmo quando afastavam-se dissimuladamente do Islã, eram tolerados, pois o âmbito de divulgação de suas idéias restringiam-se a um estreito círculo de doutos e letrados.

Talvez o maior crime de Suhrawardi tenha sido político: quando o filósofo assentou-se em Alepo, na Síria, o príncipe al-Zahir al-Din Gazi, governador desta cidade e filho de Saladino, tornou-se seu discípulo, o que desagradou aos ulemás e à elite sunita da cidade pela extravagância de suas crenças. Com toda a Corte, em Alepo e em Damasco conspirando contra o filósofo, que se tornara influente com seu filho, Saladino optou por executar a lei islâmica: neste caso, por heresia religiosa e corrupção de um príncipe. Assim foi Suhrawardi condenado a morte – e sua história não mereceu mais que três linhas no relato de Ibn Shaddad.

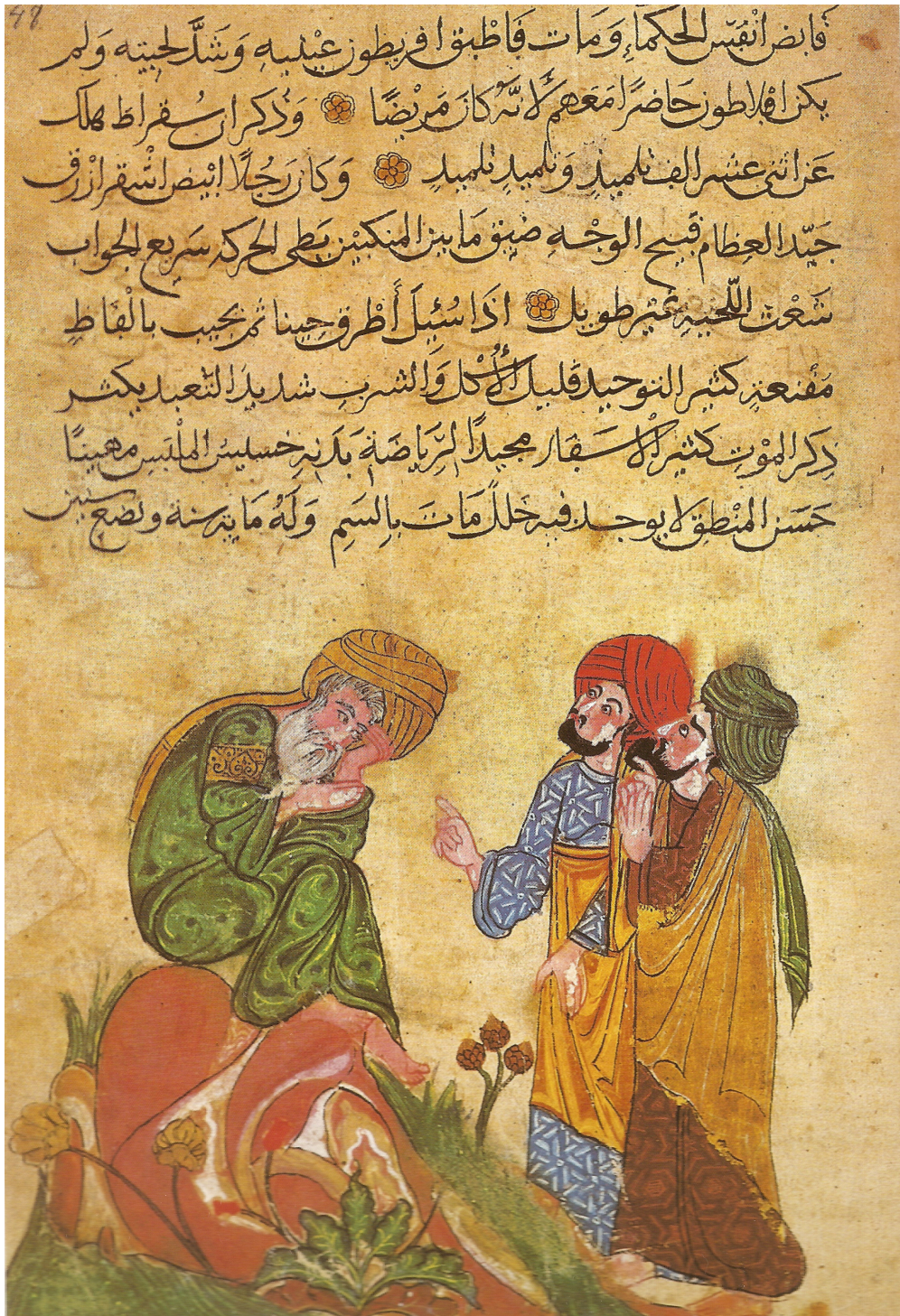


Figura 4 – Exemplo de um filósofo aceito na cultura medieval islâmica Islã: Sócrates (séc V a.C.) aparece aqui ensinando seus discípulos. As figuras da Grécia clássica são representadas ao estilo muçulmano, com turbantes e vestes orientais. Iluminura medieval de AL-MUBASHSHIR, *Mujtar al-hikam wa-mahasin al-kalim* (Aforismos e Discursos). Síria, início século XIII. Fonte: WALTHER, I e WOLF, N, *Codices illustres*.

4.8 Saladino e Reinaldo de Châtillon

Francis Wolff, no ensaio “Quem é Bárbaro?”, chega à conclusão de que toda cultura pode conter em si a civilização ou a barbárie. Nos dias de hoje, a barbárie seria expressa pela incapacidade de tolerar o Outro. Em sua definição:

O bárbaro é aquele que é (...) incapaz de pensar tanto a universalidade humana como a diversidade indefinida das culturas. Ele só consegue pensar em termos dicotômicos, o Bem e o Mal, o próprio e o estrangeiro, nós e eles, mesmo que chamem de “civilização” (aqui, eu, meus deuses) e “barbárie” (lá, o outro, o inimigo de Deus, o Grande Satã). Sim, existe barbárie, e não porque existem povos ou culturas que sejam bárbaros por natureza, mas porque existe um modo de pensar que é incapaz do uno e do múltiplo. E existem, por conseguinte, práticas bárbaras, às vezes povos, ou sociedades, religiões, movimentos políticos que caem na barbárie. Sim, definitivamente, o verdadeiro bárbaro é aquele que acredita na barbárie do Outro. E aqueles que reconhecem que o homem se diz em vários sentidos podem se dizer civilizados.⁴⁰

Podemos considerar, no contexto das cruzadas, que havia duas atitudes básicas entre os oponentes: a primeira, podemos chamá-la de civilizada, procurava contemporizar e negociar com o oponente, reconhecendo algum elemento humano comum que exista entre povos de cultura e religião diferentes; a segunda, podemos denominar de atitude bárbara, prega a extinção e destruição total do inimigo, sem nenhuma concessão ou reconhecimento de sua alteridade. Vejamos agora o caso em que Saladino representa a atitude civilizada e um príncipe cristão, Reinaldo de Châtillon, a barbárie, num sentido de acordo com a reflexão apresentada por Francis Wolff.

Saladino passou à ofensiva total contra o Reino de Jerusalém somente quando a trégua foi rompida pelos cristãos. Sob o comando do infame *Brins Arnat*, o príncipe Reinaldo de Châtillon, cavaleiros cruzados saquearam caravanas e aldeias árabes, e o débil rei Guy de Lusignan mal tinha forças para deter esse partido, quando não os apoiava em segredo. Esse príncipe cristão era um dos raros casos em que Saladino quebrou sua regra, jurando matá-lo pessoalmente. Segundo Ibn Shaddad:

⁴⁰ WOLFF, F., "Quem é Bárbaro". Separata de NOVAES, A. (Org.), *Civilização e Barbárie*, p. 42.

This accursed Reynald was a monstrous infidel and terrible oppressor, through whose land a caravan from Egypt (God defend it) had passed when there was a truce between the Muslims and the Franks. He seized it treacherously, maltreated and tortured its members and held them in dungeons and close confinement. They reminded him of the truce, but he replied, 'Tell your Muhammad to release you'.⁴¹

Esse amaldiçoado Reinaldo era um monstro infiel e terrível opressor, cujo território uma caravana atravessou quando havia uma trégua entre os muçulmanos e os franj. Ele a atacou ardilosamente, maltratou e torturou seus membros e os manteve em masmorras, em confinamento fechado. Eles o lembraram da trégua, mas ele respondeu, 'Diga para vosso Maomé vos libertar'.

Podemos observar na ironia do príncipe o seu desprezo aos muçulmanos. Seguia uma tradição teológica que dizia que um juramento feito a um infiel não tinha validade diante de Deus e que, portanto, podia ser quebrado.

Ibn al-Athir nos fornece um retrato mais preciso deste príncipe:

Prince Arnat of al-Kerak was one of the chief Frankish barons and one of the most arrogant; a violent and most dangerous enemy of Islam. Saladin knew this and on several occasions attacked him and sent raiding parties into his territories. Arnat humbled himself and swore to observe a truce which would allow caravans to move freely between Syria and Egypt. In 582 / 1186-7, however, a great caravan passed close to his territory, richly laden and accompanied by a great host of people and a large armed escort. This infamous man broke the truce and attacked them, captured the whole caravan, seized the body, animals and weapons, and threw all his prisoners into dungeons. Saladin sent letters rebuking him with reprisals if he did not release the prisoners and their possessions. The Count persistently refused to comply. Saladin vowed that if ever he laid hands on him he would kill him, and what followed will be recounted, God willing.⁴²

Príncipe Arnat de al-Kerak foi um dos principais barões franj e um dos mais arrogantes; um perigoso e violento inimigo do Islã. Saladino sabia disso e em várias ocasiões o atacou e enviou patrulhas a seus territórios. Arnat se humilhou e jurou observar uma trégua que permitiria às caravanas moverem-se livremente da Síria ao Egito. Em 1186-1187, no entanto, uma grande caravana passou próximo a seu território, ricamente carregada e acompanhada por uma grande multidão de pessoas e uma escolta armada. Esse homem infame quebrou a trégua e os atacou, capturando a caravana inteira, confiscou os corpos, animais e armas, e jogou todos os seus prisioneiros nas masmorras. Saladino enviou cartas respondendo com represálias se ele não soltasse os prisioneiros e suas possessões. O conde persistentemente recusou-se a obedecer. Saladino jurou que se ele alguma vez deitasse as mãos nele ele iria matá-lo, e o que aconteceu será relatado, se Deus o permitir.

Reinaldo de Châtillon representa na lenda de Saladino o seu contrário. Guerreiro bárbaro e cruel, defendia que se atacasse incondicionalmente os

⁴¹ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*. p. 37.

⁴² GABRIELLI, F., *Arab Historians of the Crusades*, p. 116.

muçulmanos, o tempo todo. Sua tese era a de que um pacto, um acordo ou uma trégua com um infiel não tinha validade jurídica nem religiosa. Enquanto os sacerdotes discutiam as minúcias teológicas do caso, o Senhor da Transjordânia saqueava e pilhava, tendo em certa ocasião liderado uma excursão até Meca, distante oitocentos quilômetros dali.

Após a batalha de Hittin (1188), quando a maior parte do exército cruzado foi esmagado por Saladino, o sultão finalmente teve a chance de fazer justiça. A batalha de Hittin foi uma das mais decisivas da história das Cruzadas, e marca o início da decadência da presença franca no Oriente. O entusiasmo guerreiro e religioso do exército cristão não foi páreo para a superioridade tática e numérica de Saladino. Oitocentos anos depois, na comemoração do aniversário desta batalha, em 1988, o ex-presidente da Síria, Hafez al-Assad, nos resume a atitude oficial do mundo árabe em relação à memória deste evento e de seu grande protagonista:

Hattin não foi apenas uma batalha. Esse combate encarna a fé da nação árabe em seu futuro. Hattin volta hoje em dia à memória coletiva de nosso povo porque cada árabe sofre em sua carne as agressões sofridas contra sua terra, sua fé, seus valores. Há diversas similaridades entre a ocupação sionista, sua natureza e seus métodos, e a ocupação cruzada. Saladino, devemos lembrar, é mais do que um grande homem. Ele exprime nossa vontade renitente de luta que, a cada geração, se reveste de um novo conteúdo.⁴³

Após a vitória, o rei Guy e Reinaldo são levados à tenda do Sultão.

Segundo o Ibn Shaddad:

Prince Reynald, the lord of Kerak, came before him with the king of the Franks of the coast, after both had been taken prisoner at the battle of Hattin during the year 583 [1188]. The battle is famous and will be described in its proper place, God willing. He had given orders for both to be brought before him. (...) He summoned him with the king. The king complained of thirst, so the sultan had a glass of sherbet brought for him, from which he drank. Then Reynald took it, at which the sultan said to the dragoman, 'Say to the king, you are the one who gave him the drink. I give him no drink nor any of my food'. What he meant was 'If anyone eats my food, chivalry would demand that I harm him not'. Later he struck off his head with his own hand to fulfil his vow.⁴⁴

⁴³ ASSAD, H., citado em MICHEAU, F., Saladino, o Cruzado do Islã. **Revista História Viva Biografias – Os Grandes Nomes da Humanidade**, edição no 2. São Paulo: Duetto, 2008.

⁴⁴ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 37 – 38.

Príncipe Reinaldo, o senhor de Kerak, veio diante dele com o rei dos franj da costa [Rei Guy de Jerusalém], após ambos terem sido feitos prisioneiros na batalha de Hittin durante o ano 583 [1188]. A batalha é famosa e será descrita em seu lugar apropriado, Deus queira. Ele deu ordens para que ambos fossem trazidos até ele. (...)Ele o convocou junto com o rei. O rei reclamava de sede, então o sultão lhe deu uma taça de gelo, da qual ele bebeu. Então Reinaldo a pegou, no que o sultão disse para o tradutor, 'Diga ao rei – Você é que deu a ele a bebida. Eu não lhe dei nenhuma bebida nem nenhuma de minha comida' O que ele queria dizer era 'Se alguém come a minha comida, o cavalheirismo demanda que eu não o possa ferir'. Depois ele decepou sua cabeça com suas próprias mãos para cumprir seu voto.

Ibn al-Athir também nos relata sua versão deste acontecimento:

When all the prisoners had been taken Saladin went to his tent and sent for the King of the Franks and Prince Arnat of Karak. He had the King seated beside him and as he was half-dead with thirst gave him iced water to drink. The king drank, and handed the rest to the Prince, who also drank. Saladin said: 'This godless man did not have my permission to drink, and will not save his life in that way'. He turned on the Prince, casting his crimes in his teeth and enumerating his sins. Then he rose and with his own hand cut off the man's head. 'Twice', he said, 'I have sworn to kill that man when I had him in my power: once when he tried to attack Mecca and Medina, and again when he broke out the truce to capture the caravan'.⁴⁵

Quando todos os prisioneiros foram tomados Saladino foi para sua tenda e mandou chamar o rei dos franj e o príncipe Renaud de Karak. Ele fez o rei sentar ao seu lado, e como ele estava morrendo de sede deu a ele água gelada para beber. O rei bebeu, e passou o resto para o príncipe, que também bebeu. Saladino disse: 'Esse homem sem Deus não teve minha permissão para beber, e não vai salvar sua vida deste jeito'. Ele virou-se para o príncipe, jogando seus crimes na cara e enumerando seus pecados. Então ele levantou-se e com as próprias mãos cortou a cabeça do homem. 'Duas vezes', ele disse, 'eu jurei matar este homem quando eu o tivesse sob meu poder: uma vez quando ele tentou atacar Meca e Medina, e novamente quando ele quebrou a trégua para capturar a caravana'.

Vejamos ainda a versão de por Imadeddin al-Asfahani, outro conselheiro do sultão Saladino.

Salaheddin convidou o rei a se sentar perto dele, e quando Arnat (Reinaldo de Châtillon) entrou, por sua vez, ele o instalou perto do rei e o lembrou de seus delitos: 'Quantas vezes juraste depois violaste teus juramentos, quantas vezes assinaste acordos que não respeitaste!' Arnat respondeu através do intérprete: 'Todos os reis sempre se comportaram assim. Nada fiz além disso.' Nesse entrementes, Guy arquejava de sede, meneava a cabeça como se estivesse bêbado, e seu rosto traía um grande medo. Salaheddin dirigiu-lhe palavras tranquilizadoras e mandou buscar água fria para oferecer-lhe. O rei bebeu, dando o resto a Arnat, que por sua vez saciou a sua sede. O sultão disse então a Guy: "Não pediste minha permissão antes de lhe dares de beber. Isso, pois, não me obriga a conceder-lhe graça.' Depois de ter pronunciado essas palavras, o sultão saiu, montou a cavalo,

⁴⁵ GABRIELI, F., *Arab Historians of the Crusades*, p.p. 123 – 124.

depois se afastou, deixando os cativos expostos ao terror. Passou em revista as tropas que retornavam, depois voltou a sua tenda. Ali, mandou buscar Arnat, avançou até ele e o feriu entre o pescoço e a omoplata. Quando Arnat caiu no chão, cortaram-lhe a cabeça, depois arrastaram seu corpo pelos pés diante do rei, que começou a tremer. Vendo-o assim atormentado, o sultão lhe disse num tom tranquilizador: 'Este homem foi morto em razão de sua perfídia.'⁴⁶

Interessante notarmos que enquanto há divergências acerca dos detalhes, as três narrativas referem-se aos mesmos elementos: a clemência em relação ao rei, a submissão deste ao dar a taça ao príncipe, e o cumprimento do juramento de Saladino. Muitas vezes esses relatos foram escritos anos após os acontecimentos, o que leva, naturalmente, a certas imprecisões e variações na narrativa.

Esse episódio é bastante revelador da lógica que rege a moral de Saladino. Em seu entendimento, o rei Guy, apesar de toda a sua fraqueza, continuava sendo o soberano legítimo e líder dos *franj*. Os *franj* seriam um povo atrasado (nos costumes) e equivocado (em relação à religião), mas dotados de necessidades e sofrimentos equivalentes aos dos muçulmanos. Sua não-condenação e posterior libertação do rei simbolizam o respeito de Saladino diante de seus inimigos. Ele provavelmente tinha consciência de que muitos dos ocidentais apenas seguiam a fé de seus pais e de seus países, muitos com uma confiança inabalável que chega a provocar a admiração do sultão. O inimigo não é um monstro, inumano, bestial ou selvagem; os *franj*, nesta perspectiva, são, sobretudo, enganados religiosamente. Saladino, dentro dos limites de sua própria época, intui que há um princípio humanitário comum entre as duas partes em beligerância. Nem sempre a religião correta determina uma opção moral correta, e nesse sentido, na perspectiva de Saladino, é perfeitamente possível que um bom cristão se mostre mais virtuoso que um muçulmano pérfido, apesar de seu erro religioso original.

A execução de Reinaldo, por sua vez, revela a compreensão do caráter bárbaro deste príncipe por parte do sultão. Incapaz de qualquer conciliação ou negociação, via os muçulmanos como menos de que humanos, e a Terra Santa era o seu território de conquista e rapinagem. Sua selvageria e deslealdade eram proporcionais a sua alta estirpe, sua figura era o estereótipo de um povo que os sábios muçulmanos chamavam de bárbaros, atrasados e desconhecedores das

⁴⁶ MAALOUF, A., *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 181. Imadeddin al-Isfahani, conselheiro do sultão Saladino.

regras elementares de ética social. Por isso, naquele estágio de beligerância, era o dever de Saladino eliminá-lo. Ao dar sua taça cheia de água para o rei *franji* matar a sua sede, Saladino mostrava, simbolicamente, que ele era seu hóspede e, portanto, viveria. Saladino sempre fora um profundo respeitador das leis da hospitalidade e do cavalheirismo. Ao mesmo tempo, ele afirma que a taça não era para Reinaldo, um guerreiro que cometeu a ação mais ímpia de todas, a de atacar o coração sagrado das terras islâmicas – Meca e Medina, distantes mais de trezentos quilômetros de Jerusalém e de qualquer território *franji*. O costume, milenar no Oriente, do *dom e contra-dom* é constitutivo das relações entre homens que, apesar de todas as diferenças, eram de uma classe social semelhante: líderes militares, governamentais e proprietários de terras e rebanhos. A taça com água gelada⁴⁷ encarna em si o simbolismo de uma tradição hospitaleira que remonta a uma época anterior à do Islã, das relações de guerra e paz entre os beduínos dos desertos da Arábia.

Valores que a civilização moderna se orgulha atualmente, como a tolerância e o reconhecimento do Outro, não são exclusivos da contemporaneidade, pois são possíveis de serem encontrados em outros espaços e temporalidades, como no Islã medieval. Civilização e barbárie deixam, portanto, nesta perspectiva, de serem categorias exclusivamente aplicadas a um período ou a uma coletividade, para serem contextualizadas e matizadas, naquilo que cada sociedade ou cultura possui de civilizado ou de bárbaro. O reconhecimento de que existe um elemento humano em comum entre cristãos e muçulmanos, mesmo no inimigo, é um dos temas presentes nos relatos sobre a vida de Saladino. Por outro lado, há uma percepção, entre os letrados árabes, de sua superioridade cultural e técnica, diferença que se mostra mais aguda, por exemplo, na comparação entre a medicina dos cruzados, com seus métodos rudes e supersticiosos e a sofisticada medicina árabe, herdeira dos ensinamentos da Antigüidade clássica.

⁴⁷ Como ainda não existia a tecnologia moderna de refrigeração, o gelo usado para a fabricação do *sherbet* era trazido dos altos picos nevados das montanhas libanesas, e armazenados durante o inverno para a produção desta bebida e de água gelada.

4.9

A conquista de Jerusalém, *al-Quds*

Provavelmente nenhuma outra cidade do mundo possui relevância e significado de tão longo alcance, no tempo e no espaço. Jerusalém, cidade sagrada para judeus, cristão e muçulmanos, vem sendo utilizada como propaganda política há muito tempo. Pessoas e fatos do passado são esquecidos e mais tarde lembrados com força, para legitimar uma ação política ou militar. Iremos lembrar alguns momentos da história desta cidade, evidenciando o período medieval e fatos cuja memória estava presente com força durante o tempo de Saladino.

A história das lutas e disputas militares e simbólicas em torno desta cidade é complexa e milenar, desde que o rei Davi, por volta do ano 1000 a.C., conquistou-a dos jebusitas⁴⁸. Os judeus foram muitas vezes expulsos, mas sempre retornaram ao seu centro espiritual. No ano 70 d.C., no entanto, o templo judaico foi definitivamente destruído pelos romanos e os judeus expulsos na diáspora. Somente com a cristianização do Império Romano, a partir do século IV d.C., a cidade voltou a ter uma importância simbólica relevante para a política, e passou a integrar a mitologia cristã que se formava neste período. A mãe do Imperador Constantino, Santa Helena, descobriu e incentivou a peregrinação a muitos locais sagrados do cristianismo, como o túmulo de Cristo (sobre o qual seria erguida a Igreja do Santo Sepulcro) e a pedra do Gólgota. Jerusalém passou, assim, a ser o centro da espiritualidade cristã. Muitas representações cristãs do mundo, no período medieval, a mostram no centro da Terra e do universo. Durante aproximadamente trezentos anos, a cidade viveu na paz proporcionada pelo império de Roma e sua sucessora, Constantinopla.

No século VII, no entanto, o enfraquecimento de Bizâncio e a ascensão dos persas sassânidas a leste fez com que o controle da região fosse ferozmente disputado entre as duas potências da época. A guerra ganhou contornos religiosos, pois os bizantinos eram cristãos, enquanto os persas professavam a religião zoroastra com vigor renovado. Em 614, o exército persa invadiu a

⁴⁸ Uma tribo dos povos filisteus que originalmente habitava a região ao redor de Jerusalém.

Palestina, saqueando os campos e incendiando as igrejas. Em Jerusalém, muitos cristãos foram mortos 60 mil⁴⁹ e escravizados 45 mil, enquanto os judeus, tradicionais aliados dos persas⁵⁰, passam a controlar a cidade - fato que gerou ressentimentos entre os cristãos. As relíquias mais sagradas da cidade – a Santa Cruz e as relíquias da Paixão – são descobertas e levadas como presente para a rainha persa nestoriana⁵¹ Meriem.

Quando o imperador bizantino Heráclio organizou o seu exército e assumiu a ofensiva na guerra, lançou-se como um guerreiro da fé, e o conflito assumiu ares de guerra santa contra as forças das trevas e dos adoradores do fogo. Guilherme de Tiro, cinco séculos depois, incluiu esses episódios como a primeira das Cruzadas.

Em 629, as províncias orientais bizantinas são restauradas e Jerusalém retorna ao controle cristão – os judeus, em represália pela colaboração com os persas, são expulsos e obrigados ao batismo forçado. O Xá persa Cosroé foi morto em batalha e as relíquias sagradas devolvidas. O imperador preparou então uma grande procissão para comemorar o fato e devolver a Santa Cruz, em Jerusalém. No entanto, para muitos a restauração bizantina fora desastrosa. Heráclio e seus sucessores tentam reunificar as seitas cristãs para o seio da ortodoxia, o que lhe provocou oposição e animosidade em várias comunidades - monofisistas, nestorianos, e maronitas. Neste mesmo ano da reconquista, segundo a tradição árabe, Heráclio recebeu uma carta de um chefe (Mohammed), que anunciava-se como o Profeta de Deus e convidava o Imperador a juntar-se à sua fé.

A presença da nova religião muçulmana na Sírio-Palestina não tardou. O califa Omar, segundo sucessor de Maomé, foi o líder responsável pelo movimento expansionista dos exércitos árabes. Em 635, a Síria e a Palestina já encontravam-se estavam sob o seu controle. Os cristãos de diversas seitas não-ortodoxas e os judeus apóiam os árabes, pois há muito descontentam-se com o que consideram o

⁴⁹ Cf. RUNCIMAN, S., *História das Cruzadas*.

⁵⁰ No século VI a.C., o rei persa Ciro, o Grande, ao derrotar a Babilônia libertou os judeus e devolveu-lhes Jerusalém e a terra de Israel e Judá.

⁵¹ Nestorianismo: vertente do cristianismo que se difundiu para a Pérsia e China durante os tempos medievais.

despotismo do governo grego. Segundo a tradição da época, a perda dessas províncias era uma punição divina para Heráclio, que pecava por praticar incesto com sua sobrinha. Jerusalém, sob cerco por todos os lados, preparou-se para a defesa sob a liderança do Patriarca Sofrônio, enquanto os exércitos árabes invadiam simultaneamente a Pérsia zoroastra e o Egito cristão-copta.

Sofrônio negociou a rendição da cidade com Omar. Em 638, entrou com um camelo branco na cidade (símbolo de paz), enquanto o Patriarca, montado num asno (imitando Jesus), ia ao seu encontro. Omar respeitou a vida e os bens dos habitantes da cidade. Em visita aos recintos sagrados da cidade, Omar recusou-se a orar diante do Santo Sepulcro, por respeito e com receio que os muçulmanos reivindicassem o local posteriormente; por isso, vai até o Monte do Templo rezar, no sítio onde existe, até hoje, a mesquita que leva o seu nome e o Domo da Rocha. A conquista de Omar foi a mais pacífica da história de Jerusalém, e a benevolência e equidade de seu governo foram proverbiais. Como determinava os preceitos muçulmanos, todas as comunidades dos povos do livro tiveram direitos e liberdades reconhecidas pela regra das comunidades protegidas, já discutida anteriormente. No século VII, iniciou-se uma tradição exclusivamente muçulmana para a cidade – ela teria sido o local em que o profeta Mohammed teria ascendido aos céus. Segundo esta tradição, Mohammed (que faleceu em Meca), teria feito uma viagem montado em um animal alado, acompanhado do anjo Gabriel⁵². A partir deste fato, a cidade tornou-se sagrada também para os muçulmanos, que passam a chamar-lhe de *al-Quds* (“A Santa”), o terceiro lugar sagrado do Islã (além de Meca e Medina).

No final do século XI, Jerusalém fazia parte da região fronteira do Califado Fatímida, baseado no Cairo. No ano da invasão da Primeira Cruzada, encontrava-se defendida por apenas uma pequena guarnição egípcia. Seu chefe, Iftikhar, aguardou sem esperança os reforços do Cairo, mas acabou por capitular a cidade em troca de sua vida e da dos seus homens. Enquanto os egípcios fugiam, os cavaleiros *franj* massacravam os habitantes da cidade. Os muçulmanos refugiados em al-Aqsa foram mortos (70 mil, segundo al-Qalanissi)⁵³ e os judeus queimados dentro de sua sinagoga. Os cristãos orientais são expulsos da Igreja do

⁵² Cf. ARMSTRONG, K., *Jerusalém: Uma Cidade, Três Religiões*.

⁵³ Cf. MAALOUF, A., *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*.

Santo Sepulcro – gregos, georgianos, armênios, coptas e sírios. Os sacerdotes que guardavam a Santa Cruz foram torturados e a relíquia lhes fora tomada. Os poucos sobreviventes fogem, liderados pelo Cádi Abu-Saad al-Harawi, que leva a multidão para Bagdá e pede a proteção do Califa. Notícias da violência e brutalidade dos cruzados percorreram o mundo islâmico, chocados e sem ação perante estes perturbadores acontecimentos.

A retomada de Jerusalém passa a ser, portanto, com Nureddin e Saladino, um dos objetivos centrais da *Jihad*. Sua conquista, no ano de 1190, representou o auge da carreira militar e política de Saladino, e foi o feito que mais projetou a imagem do sultão para as gerações posteriores. O retorno do Islã à cidade santa foi o motivo gerador das expedições da Terceira Cruzada, na qual os reis de Inglaterra, França e Germânia juraram retomar a cidade e derrotar Saladino.

A tomada de Jerusalém por Saladino foi a consequência do desmantelamento do exército cruzado durante a batalha de Hittin, mas a cidade era bem fortificada e possuía ainda algumas guarnições e numerosa população. O defensor da cidade, Balian de Ibelin, era conhecido de Saladino, um nobre que escapara à derrota de Hittin e se refugiara em Tiro. Estando a sua mulher em Jerusalém, pedira autorização a Saladino para ir ao seu encontro, prometendo não portar armas e passar uma só noite na cidade santa. Mas, quando chegou lá, o povo suplicou que ele ficasse e comandasse a defesa da cidade. Mas Balian não queria trair a promessa feita a Saladino, e perguntou ao próprio o que ele deveria fazer. O sultão em sua generosidade o desobrigou do compromisso e o liberou para que pudesse cumprir seu dever - e ainda: Saladino ofereceu uma escolta para levar a esposa de Balian para Tiro, longe da guerra. As razões políticas e militares não eram empecilho para as ações cavalheirescas de Saladino.

A defesa de Jerusalém era inútil. Mesmo assim, Balian conseguiu negociar com o sultão, dizendo que se os cristãos não fossem poupados, iriam matar todas as mulheres e crianças da cidade, incendiar todas as casas e destruir todas as riquezas, demolir os lugares sagrados do Islã, matar os prisioneiros islâmicos, exterminar as montarias e animas e finalmente iriam para a batalha sem nada mais a perder. Muitos emires de Saladino pressionavam o sultão para que liberasse o saque, a matança e escravização, pois a memória da conquista cruzada, cem anos

antes, insuflavam-lhes idéias de vingança. Segundo Ibn al-Athir, Balian havia dito:

Know, O Sultan, that there are very many of us in this city, God alone knows how many (...) But if we see that death is inevitable, then by God we shall kill our children and our wives, burn our possessions, so as not to leave you with a dinar or drachma or a single man or woman to enslave. When this is done, we shall pull down the Sanctuary of the Rock and the Masjid al-Aqsa and other sacred places, slaughtering the Muslim prisoner we hold – 5,000 of them – and killing every horse and animal we possess. Then we shall come out to fight you like men fighting for their lives, when each man, before he falls dead, kills his equals.⁵⁴

Ó sultão, fica sabendo que existe nessa cidade uma quantidade de pessoas das quais somente Deus sabe o número. (...) Mas se virmos que a morte é inevitável, então, por Deus, mataremos nossos filhos e nossas mulheres, queimaremos tudo que possuímos, não vos deixaremos, como resto, um só dinar, um só dirham, um só homem nem uma só mulher para serem capturados. Em seguida, destruiremos o rochedo sagrado, a mesquita al-Aqsa e muitos outros lugares, mataremos os cinco mil prisioneiros muçulmanos que detemos, depois exterminaremos todas as montarias e todos os animais. No fim, sairemos, e nos bateremos contra vós como quem se bate pela vida. Nenhum de nós morrerá sem ter matado vários dos vossos..

O sultão encontrava-se num dilema, pois não podia desistir do cerco, mas ao mesmo tempo não desejava que os *franj* implementassem medidas drásticas e imprevisíveis. A solução foi considerar os *franj* como reféns dos muçulmanos, e concedê-los o direito de resgate segundo um acordo preestabelecido. Balian aceitou a oferta de Saladino, que lhe pareceu generosa e justa, de acordo com os costumes políticos da época. Os *franj* adultos deveriam pagar 10 dinares, as crianças cinco, no prazo de quarenta dias, e os que não pudessem seriam cativos dos muçulmanos. Na prática, a proposta mostrou-se bastante favorável aos *franj*. Balian propõe a libertação de 17.000 cidadãos pobres pelo preço de 30.000 dinares, o que Saladino prontamente aceita. Al-Adel, irmão de Saladino, pede pela libertação de mais mil prisioneiros pobres, enquanto o patriarca *franj* implora que o sultão libertasse outros setecentos, sem resgate algum. Depois disso o sultão, por iniciativa própria, anunciou a libertação dos idosos, das viúvas e dos órfãos, além dos pais de família aprisionados.

⁵⁴ GABRIELI, F., *Arab Historians of the Crusades*, p.p. 118-119.

Segundo Maalouf, os tesouros de Saladino desesperaram-se com os atos de generosidade, pois desejavam recuperar para o tesouro a fortuna gasta na guerra; no entanto, conta-nos Ibn al-Athir:

The Grand Patriarch of the Franks left the city with the treasures from the Dome of the Rock, the Masjid al-Aqsa, the Church of the Resurrection and others, God alone knows the amount of the treasure; he also took an equal quantity of money. Saladin made no difficulties, and when he was advised to sequester the whole lot for Islam, replied that he would not go back in his word. He took only the ten *dinar* from him, and let him go, heavily escorted, to Tyre.⁵⁵

O grande patriarca dos franj deixou a cidade com os tesouros do Domo da Rocha, a mesquita Al-Aqsa, a Igreja da Ressurreição e outras, somente Deus sabe a quantidade de tesouro; ele também pegou uma igual quantia em dinheiro. Saladino não o impediu, e quando ele foi aconselhado a pegar todo o lote para o Islã, replicou que ele não iria voltar atrás em sua palavra. Ele pegou apenas os dez dinares dele e deixou-o ir, fortemente escoltado, para Tiro.

O clero cristão sai da cidade carregando os tesouros das Igrejas, os ricos levam quase todos os seus bens e vendem suas propriedades aos muçulmanos, o que era algo praticamente inconcebível no costume tradicional, que determinava que todos os habitantes de uma cidade conquistada, assim como seus pertences, deveriam passar para a propriedade dos conquistadores. Os soldados do sultão são proibidos de saquear e matar. Segundo Imadeddin al-Asfahani:

Eu disse ao sultão: 'Esse patriarca transporta riquezas que não valem menos de duzentos mil dinares. Nós lhes permitimos carregar os seus bens, mas não os tesouros das igrejas e dos conventos. É preciso não deixá-lo com eles!'. Mas Salaheddin respondeu: 'Devemos aplicar ao pé da letra as acordos que assinamos, assim ninguém poderá acusar os crentes de haverem traídos os tratados. Muito pelo contrário, os cristãos evocarão em todos os lugares os benefícios com os quais os satisfazemos.'⁵⁶

Muito além do ouro, o objetivo de Saladino ao entrar em Jerusalém e reconsagrar os lugares santos do Islã era sobretudo espiritual e político. O forte simbolismo da cidade sagrada de três religiões aumentava o seu prestígio e popularidade entre os emires, e inscrevia o seu nome na história como o grande libertador. Restaurou todos os lugares sagrados do Islã que haviam sido conspurcados pelos *franj*, mas ao mesmo tempo garantiu privilégios para as igrejas cristãs orientais, que mantiveram a garantia de seu culto e de seus lugares sagrados.

⁵⁵ GABRIELI, F., *Arab Historians of the Crusades*, p. 144.

⁵⁶ MAALOUF, A., *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 186.

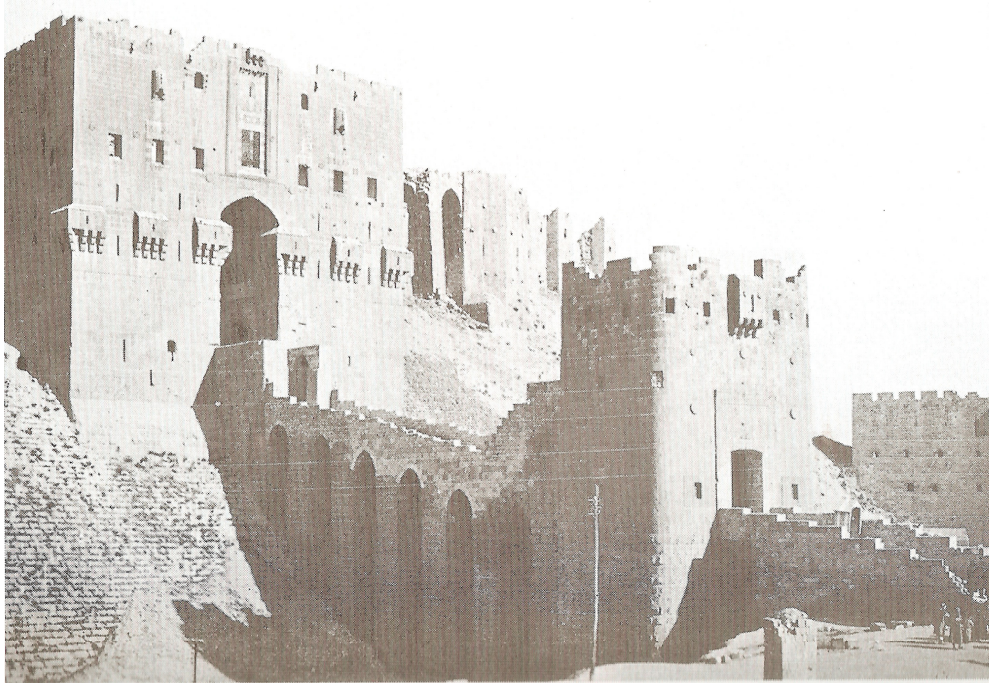


Figura 5 – Remanescentes da cidadela de Alepo. Fonte: LEWIS, B, *Os Assassinos*.

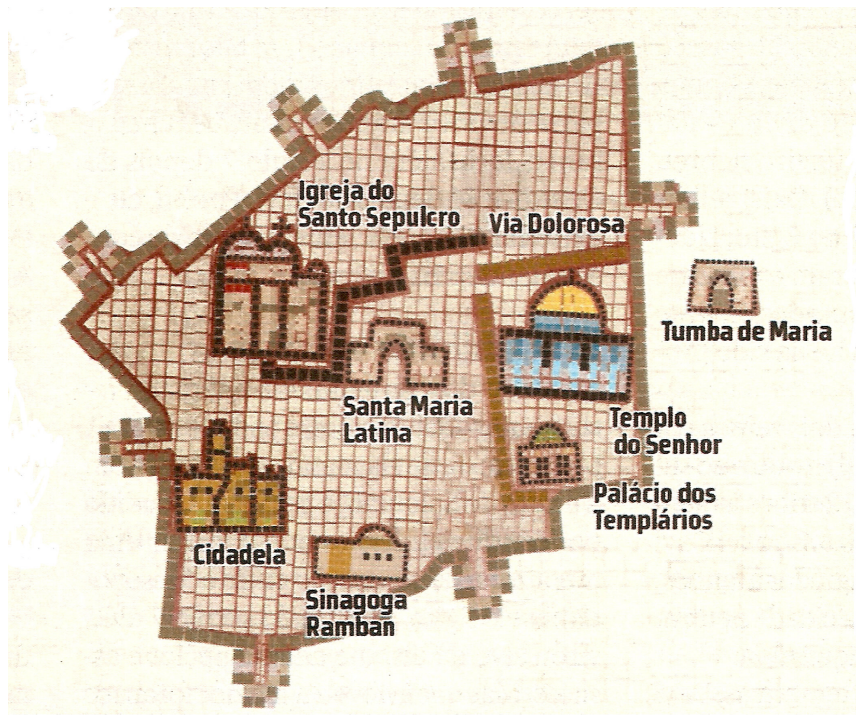


Figura 6 – Jerusalém Medieval. Fonte: Revista Superinteressante, ed. 249, fev. 2008.

4.10

A aliança com o Imperador Armênio e o destino do Imperador Germânico

A política externa adotada por Saladino em relação às potências circundantes mudou após a quebra dos tratados de paz após os eventos desencadeados pelos ataques de Reinaldo de Châtillon. A partir de então, todos os soberanos locais contrário à presença dos *franj* poderiam ser possíveis aliados. Desta maneira, estabelece-se aliança com o imperador dos armênios, denominado *Catholicos*.

O império armênio, neste momento, era um estado regional relativamente forte, com uma Igreja cristã teoricamente aliada ao papado, mas, na prática, autônoma. Este povo encontrava-se na região desde antes das conquistas árabes, e enfrentou dificuldades a partir dos ataques das Cruzadas, no final do século XI, havendo um deslocamento em massa dos armênios em direção às terras denominadas “pequena Armênia”, no sudoeste da Anatólia. Geograficamente, portanto, o potentado armênio se relacionava com bizantinos, *franj* e muçulmanos, e tentava equilibrar-se num jogo de forças do qual não era a parte mais poderosa.

Ibn Shaddad nos fornece a transcrição de uma carta do *Catholicos*, Gregório IV (1174-1193) para Saladino, no qual dá conta dos acontecimentos ocorridos próximos ao seu império, isto é, a frustrada cruzada dos alemães de 1189. O imperador dos germânicos, Frederico Barba-Roxa, se aproximava das terras do Islã, com mais de duzentos mil homens, o que preocupa o governante armênio. No entanto, um milagre afasta o perigo alemão das terras governadas por Saladino.

From the Catholicos with sincere prayers. Among the matters that I will bring to the attention of our lord and ruler, the Sultan (...) Salah al-Dunya wa'l Din (...), concerning the fate of the German emperor and what befell him when he came on the scene is the fact that, when he first marched out from his lands and entered by force into the lands of the Hungarians, he forced the king of Hungary to submit and become obedient to him. He took such of his money and men as he wished. He then entered the land of the ruler of the Greeks, which he conquered and plundered. After his stay there he left it empty. He compelled the Greek ruler to obey him and took hostages from him, his son, his brother and forty of his close cortiers. He also took fifty *qintar* of gold, fifty of silver and a large amount of satin textiles. He

seized ships and on them crossed to this side, accompanied by the hostages, finally entering the lands of Qilij Arslan and returning the hostages. (...)

When he approached Konya, Qutb al-Din, the son of Kilij Arslan, having assembled his force, attacked him and brought him to a great pitched battle. The German emperor was victorious and inflicted a great defeat on him. As he came in sight of Konya, great crowds of Muslims came out against him but he repelled them in rout. He forced his way into Konya by the sword and killed great multitudes of Muslims and Persians. He remained there five days. (...)

His troops and massed followers gathered in their great numbers and he camped on the bank of a certain river. He ate bread and slept for a while. On awaking he had a desire to bathe in cold water. He did so, came out and God decreed that he became seriously ill from the cold water. After lingering for a few days he died.

They are of varied races and strange ways. Their cause is a great one and they are serious in their enterprise and of prodigious discipline, so much that, if one of them commits a crime, the only penalty is to have his throat cut like a sheep. (...) They have forbidden themselves pleasures even to the extent that, if they hear that anyone has allowed himself any pleasure, they treat him as an outcast and chastise him. All this is because of grief for Jerusalem. It is true that some of them renounced clothes for a long period, banned them and did not wear anything but iron. Eventually, their leader disapproved of that. They are to an extraordinary degree capable of enduring hardship, humiliation and fatigue.⁵⁷

Do Catholicos com sinceras preces. Entre as matérias que irei trazer à atenção de nosso senhor e governante, o Sultão Saladino, acerca do destino do imperador germânico e o que aconteceu com ele quando ele surgiu na cena [política regional] é o fato de que, quando ele primeiro marchou para fora de suas terras e entrou pela força na terra dos húngaros, ele forçou o rei da Hungria a se submeter e a obedecê-lo. Ele pegou tanto do seu dinheiro e homens quanto quis. Ele então entrou na terra do imperados dos gregos, a qual ele conquistou e pilhou. Após sua estada lá ele deixou-a vazia. Ele obrigou o governante grego a obedecê-lo e tomou-lhe reféns, seu filho, seu irmão e quarenta de seus cortesões. Ele também tomou quarenta quintares de ouro, cinqüenta de prata e uma grande quantidade de tecido de cetim. Ele tomou navios e neles cruzou para este lado, acompanhado dos reféns, finalmente entrando nas terras de Qilij Arslan e libertando os reféns.

Quando ele se aproximou de Konya, Qutb al-Din, o filho de Qilij Arslan, tendo agrupado suas forças, o atacou, forçando-o a uma grande batalha. O imperador germânico foi vitorioso e infringiu uma grande derrota. Quando ele avistou Konya, grandes multidões de muçulmanos vieram contra ele mas ele repeliu-os no caminho. Ele forçou seu caminho até Konya pela espada e matou grandes multidões de muçulmanos e persas. Ele permaneceu lá cinco dias.

Suas tropas e seguidores reuniram-se em grande número e ele acampou às margens de um certo rio. Ele comeu pão e dormiu um pouco. Ao acordar ele teve o desejo de banhar-se na água fria. Ele o fez, saiu e Deus decretou que ele ficasse seriamente doente da água fria. Depois de agonizar por uns dias ele morreu.

Eles são de variadas raças e maneiras estranhas. Sua causa é grande e eles são sérios em sua empresa e de disciplina prodigiosa, tanto que, se um deles cometer

⁵⁷ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 114 – 116.

um crime, a única penalidade é ter sua garganta cortada como uma ovelha. (...) Eles proibiram-se os prazeres até o ponto que se eles escutam que alguém permitiu-se qualquer prazer, eles o tratam como renegado e o fustigam. Tudo isso é por luto por Jerusalém. É verdade que alguns deles renunciaram às roupas por um longo período, as baniram e não vestiam nada, apenas [armaduras de] ferro. Seu líder acabou por desaprovar isso. Eles são, em um grau extraordinário, capazes de agüentar privações, humilhações e fadiga.

Podemos observar, juntos com Bahaheddin, que Saladino, além de todas as virtudes relatadas anteriormente, possuía também boa sorte e fortuna. A vinda do exército alemão correspondia a um sério perigo e, se não fosse a providencial morte do *Kaiser*, seus exércitos chegariam à Terra Santa praticamente ao mesmo tempo que a expedição cruzada liderada pelo rei Ricardo da Inglaterra, o que certamente seria desastroso para o sultão, já enfraquecido pelas levadas de *franjs* que não cessavam de chegar ao litoral sírio após a queda de Jerusalém.

A aliança do sultão com o Católicos armênio, apesar da diferença religiosa, era conveniente para ambos. Os armênios tentavam manter sua autonomia política em seus territórios tradicionais aliando-se com uma potência islâmica benevolente contra os saqueadores *franjs*. Já Saladino poderia contar com um aliado ao norte, que pudesse prever-lhe novas invasões *franjs* advindas desta direção. Afastado o perigo germânico, Saladino pode concentrar suas forças contra a nova ameaça inglesa que se aproximava de suas terras.

4.11 Saladino e Ricardo Coração-de-Leão

The king of England was a mighty warrior of great courage and strong in purpose. He had much experience of fighting and was intrepid in battle, and yet he was in their eyes below the king of France in royal status, although being richer and more renowned for martial skill and courage. The news concerning him was that, after he had arrived at the island of Cyprus, he decided not to go further without its being his and under his authority.

(...) the cursed king of England came (...). His coming had a great pomp. He arrived in twenty-five galleys, full of men, weapons and stores. The Franks manifested great joy and delight at his coming. Indeed, that night in their joy they lit huge fires in their camp. Those fires were impressively large, indicating sizeable

reinforcements. Their princes had been threatening us with his arrival and deserters had been telling us that they were putting off the great push against the city that they wanted to make until his arrival. He was wise and experienced in warfare and his coming had a dread and frightening effects on the hearts of the Muslims. The sultan, meanwhile, was facing all this with stead fastness, confidence in future reward and trust in God Almighty.⁵⁸

O rei da Inglaterra era um formidável guerreiro de grande coragem e firme em propósito. Ele tinha muita experiência em batalha e era intrépido na luta, e ainda assim ele era a seus olhos abaixo do rei da França em status real, mesmo sendo mais rico e mais renomado por suas habilidades marciais e coragem. As novas sobre ele são que, depois de sua chegada a ilha de Chipre, ele decidiu não ir além sem que a ilha fosse sua, sob sua autoridade.

O amaldiçoado rei da Inglaterra veio (...). Sua chegada foi com grande pompa. Ele chegou em vinte e cinco galeras, cheias de homens, armas e mantimentos. Os franj manifestaram grande alegria e deleite em seu acampamento. Então, naquela noite, em alegria, acenderam grandes fogueiras em seu acampamento. Esses fogos eram impressionantemente grandes, indicando reforços de peso. Seus príncipes estavam nos ameaçando com sua chegada e desertores nos contavam que eles estavam preparando uma grande ofensiva contra a cidade que eles queriam realizar até a sua chegada. Ele era sábio e experiente na guerra e sua chegada teve um sinistro e assustador efeito nos corações dos muçulmanos. O sultão, enquanto isso, encarava tudo com presteza, confiança no futuro e fé em Deus todo-poderoso.

Após a tomada de Jerusalém, a alcunha do sultão passou a ser conhecida por toda a Europa cristã. Sua generosidade proverbial e o respeito com que tratou os inimigos vencidos fez dele uma espécie de encarnação muçulmana dos valores de honra da cavalaria que se desenvolviam no ocidente medieval. Até então, na história das cruzadas, nenhum rei tinha delas participado diretamente. A conquista de Jerusalém por Saladino, em 1189, desencadeou na Europa mais uma onda de fervor religioso e animosidades revanchistas. A denominada Terceira Cruzada, foi, portanto, uma espécie de resposta dada pelos principais líderes da cristandade à “insolência” do sultão muçulmano. Os reis Ricardo da Inglaterra, Luís Felipe da França e o imperador germânico Barba-Roxa, realizaram quase que simultaneamente a sua peregrinação.

Após a queda de Jerusalém, os *franj* se vestiram de negro, e partiram além dos mares a fim de pedir ajuda e socorro em todos os países, particularmente em Roma, a Grande. Para incitar as pessoas à vingança, levavam um desenho representando o Messias, que a paz esteja com ele, todo ensangüentado, com um árabe que o moía de pancadas. Eles diziam: ‘Olhai! Eis o Messias, e eis Maomé, profeta dos muçulmanos, que o espanca mortalmente!’ Comovidos, os *franj* se unem, inclusive

⁵⁸ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 146 – 147.

as mulheres, e aqueles que não podiam vir, pagaram as despesas daqueles que iriam bater-se em seu lugar.⁵⁹

A reação à queda de Jerusalém foi intensa. Com a aprovação do papa, os três maiores reis da Europa combinaram marchar sobre a Terra Santa. Somente dois lá chegaram, Felipe Augusto da França e Ricardo da Inglaterra. O primeiro ficou poucos meses e voltou, enquanto o segundo provou ser um adversário tenaz dos muçulmanos, o inimigo que por pouco não derrotou por completo Saladino.

O rei Ricardo foi o responsável pela maior derrota da carreira militar de Saladino: a queda da cidadela litorânea de Acre (1191) após um longo e sofrido cerco de dois anos. A chegada de levadas cada vez maiores de navios europeus e exércitos *franj* tornara desesperadora a situação do exército composto de Saladino, que ainda precisava todo o tempo garantir a unidade entre seus comandantes militares. A vitória de Ricardo em Acre permitiu que os *franj* retomassem diversas cidades recém tomadas pelos muçulmanos, garantindo para os cruzados praticamente toda a faixa litorânea da Síria e Palestina, e garantindo pelo menos mais um século de presença européia no Oriente Médio. De acordo com Amin Maalouf:

O heroísmo de alguns combatentes árabes não foi suficiente. A situação da guarnição de Acre torna-se crítica. No início do verão de 1191, os apelos dos sitiados não são mais do que gritos de desespero: 'Estamos no final de nossas forças e não temos outra escolha senão a capitulação. A partir de amanhã, se vocês não fizerem nada por nós, pediremos uma salvaguarda e entregaremos a cidade'. Saladino cede à depressão. Tendo doravante perdido qualquer ilusão a respeito da cidade sitiada, chora copiosamente. Seus próximos temem por sua saúde, e os médicos lhe prescrevem poções para acalmá-lo. Ele pede aos arautos para irem gritar por todo o acampamento que um ataque maciço vai ser dirigido para libertar Acre. Mas seus emires não o atendem. 'Por que', retrucam, 'colocar inutilmente todo o exército muçulmano em perigo?' Os *franj* agora são tão numerosos e estão tão solidamente entrincheirados que qualquer ofensiva seria um suicídio. P. 197

Ibn Shaddad observou a reação do exército muçulmano:

The Franks, as one man gave a great shout, while the Muslims were overcome by disaster. The grief of the true monotheists was intense (...). Great perplexity and confusion overwhelmed our people and the army resounded with cries, moans, weeping and wailing. Every man's heart shared in this according to his faith.⁶⁰ (p.p. 161-162)

⁵⁹ Ibn al-Athir, citado por MAALOUF, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 193.

⁶⁰ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 161 – 162.

Os franj, como um só homem deram um grande grito, enquanto os muçulmanos foram engolidos pelo desastre. A mágoa dos verdadeiros monoteístas era intensa. Nosso povo mergulhou em grande perplexidade e confusão e o exército ressoava com choros, lamentos, gemidos e suspiros. O coração de cada homem compartilhou desse acontecimento de acordo com a sua fé.

Assim como havia acontecido com Saladino em relação a Jerusalém, Ricardo, na conquista de Acre, tinha que lidar com a questão do que fazer com os reféns. A resolução adotada foi, porém, bastante diferente.

The enemy then brought out the Muslims prisoners for whom God had decreed martyrdom, about 3,000 bound in ropes. Then as one man they charged them and with stabbing and blows with the sword they slew them in cold blood (...). In the morning the Muslims investigated what had happened, found the martyrs where they had fallen and were able to recognise some of them. Great sorrow and distress overwhelmed them for the enemy had spared only men of standing and position or someone strong and able-bodied to labour on their building works. Various reasons were given for this massacre. It was said that they had killed them in revenge for their men who had been killed or that the king of England had decided to march to Ascalon to take control of it and did not think it wise to leave that number in his rear.⁶¹

O inimigo então trouxe os muçulmanos prisioneiros para quem Deus decretou o martírio, cerca de 3.000 amarrados em cordas. Então como um só homem eles os atacaram e com golpes e perfurações com a espada eles os exterminaram a sangue frio. Pela manhã os muçulmanos investigaram o que acontecera, acharam os mártires onde eles haviam caído e foram capazes de reconhecer alguns dentre eles. Grande mágoa e preocupação tomaram conta deles, pois o inimigo poupava somente homens de posição de prestígio ou alguém forte e capaz de trabalhar em seus trabalhos de construção. Várias razões foram dadas para esse massacre. Foi dito que eles os mataram por vingança de seus homens que foram mortos ou que o rei da Inglaterra decidiu marchar até Ascalon para tomá-la e não pensou ser sensato deixar este número para trás.

Para os padrões de Saladino, este tipo de ação - o ataque a homens amarrados e desarmados - era visto como uma ação desonrada e covarde. Nesta época, em que o padrão de mortalidade de uma batalha era muito menor do que as guerras do período moderno, por exemplo, o desaparecimento súbito de três mil homens correspondia a uma perda incomum e proporcionalmente grande de homens e guerreiros, pois desobedecia ao costume de aprisionamento e resgate.

Na narrativa de Ibn Shaddad, apesar de todas as dificuldades, Deus parece estar do lado muçulmano. Um episódio anedótico simboliza os bons augúrios do sultão:

⁶¹ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 165.

A falcon the king valued had accompanied him from his own country. It was of impressive size, white in colour and of a rare type. He cherished and loved it greatly. The falcon escaped from his arm and flew off. He called it back, but it did not respond. In the end it alighted on the city wall of Acre. Our men caught it and sent it to the sultan. Its arrival caused much astonishment and was a happy omen of victory. To my eyes its colour was a dazzling white. I have never seen a more handsome falcon. The Muslims considered this an auspicious event. The Franks offered 1,000 dinars for it, but this was not accepted.⁶²

Um falcão de que o rei gostava o acompanhou de seu próprio país. Era de tamanho impressionante, de cor branca e de um tipo raro. Ele o paparicava e o amava muito. O falcão escapou de seu braço e voou. Ele o chamou de volta, mas ele não respondeu. Ao fim, ele pousou nas muralhas de Acre. Nossos homens o capturaram e o levaram para o sultão. Sua chegada causou surpresa e foi um augúrio feliz de vitória. Para meus olhos sua cor era de um branco brilhante. Eu nunca vira um falcão tão bonito. Os muçulmanos consideraram isto um evento auspicioso. Os francos ofereceram 1.000 dinares por ele, mas não foi aceito.

Apesar de todo este antagonismo, a relação do sultão com o monarca inglês foi também pautada por relações diplomáticas e acordos. Apesar de nunca ter concedido um encontro pessoal entre os dois soberanos, Saladino enviou seu irmão, al-Adel, para negociar uma trégua forçada. Após a queda da cidadela de Acre para os *franj*, os dois exércitos combatentes – o dos *franj* e o dos muçulmanos – disputaram a faixa costeira da Palestina, num embate que acabou indefinido, sem nenhum lado conseguindo um avanço significativo. O rei Ricardo, preocupado com seu retorno à Inglaterra, desejava resolver logo a situação, então propôs um acordo inusitado a Saladino:

Segundo o acordo visado, al-Adel esposaria a irmã do rei da Inglaterra. Esta fora casada com o mestre da Sicília, que estava morto. O inglês havia trazido a irmã com ele ao Oriente, e propunha casá-la com al-Adel. O casal residiria em Jerusalém. O rei daria as terras que controla de Acre até Ascalon à irmã, que se tornaria rainha do litoral, do *sahel*. A cruz lhes seria confiada, e os prisioneiros dos dois campos libertados. Depois, concluída a paz, o rei da Inglaterra retornaria a sua terra além dos mares.⁶³

Um sutil jogo político estava em curso: com essa proposta, Ricardo esperava indispor al-Adel contra seu irmão, desagregando as forças islâmicas. Saladino, no entanto, prevendo o estratagema, aceita a proposta, agradando seu irmão. Ricardo, no entanto, acaba por fim declarando que sua irmã havia jurado por Deus nunca se casar com um muçulmano. Mesmo assim, Yussef recusa-se a

⁶² IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p. 146.

⁶³ MAALOUF, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 199.

receber Ricardo, e tenta ganhar tempo às custas da paciência do rei inglês. Saladino diz o seguinte numa carta, acerca de Ricardo:

Os reis só se encontram após a conclusão de um acordo. De qualquer maneira, não compreendo tua língua e tu ignoras a minha, e temos necessidade de um tradutor em quem nós tenhamos confiança.” (...) “Precisa ele verdadeiramente passar o inverno aqui, a dois meses de distância de sua família e de seu povo, no momento em que está na força da idade e que pode aproveitar dos prazeres da vida? Por meu lado, eu poderia passar aqui o inverno, depois o verão, depois um outro inverno e um outro verão, pois estou em meu solo, entre meus filhos e meus próximos, que estão a meus cuidados, e tenho um exército para o verão e outro para o inverno. Sou um homem de idade, que não tem mais nada a fazer com os prazeres da existência. Vou ficar assim esperando, até que Deus dê a vitória a um de nós⁶⁴

Em 1192, finalmente, Ricardo Coração-de-Leão desistiu de vez de sua empresa, que mostrara-se praticamente impossível, e retornou para a Europa⁶⁵. Jerusalém continuaria nos domínios muçulmanos. Os *franj* permaneceriam no litoral sírio por mais cem anos, mas nunca mais seriam a potência política e militar de outrora.

⁶⁴ MAALOUF, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 200.

⁶⁵ No retorno à Europa, Ricardo ainda foi feito prisioneiro por Leopoldo da Áustria por catorze meses. Este rei é considerado um herói na Inglaterra, e foi imortalizado nos romances de Walter Scott, como *Ivanhoé*.



Figura 7 – Arautos muçulmanos, desarmados e montados em ágeis cavalos, que lhes permitiam esquivar facilmente dos ataques dos *franj*. Iluminura medieval de AL-HARIRI, Abu Muhamad, *al Hariri: al-Maqâmât* (Conversações). Bagdá, 1237. Fonte: WALTHER, I e WOLF, N, *Codices illustres*.

4.12 Saladino e os Assassinos

Os Assassinos foram uma seita xiita que se estabeleceu na Pérsia e na Síria, entre os séculos XI e XIII, e constituíram, no universo social e religioso islâmico daquele momento, comunidades consideradas heréticas e extremistas pela maioria moderada do Islã sunita. Seus seguidores faziam parte da “Nova Pregação” da facção ismaelita do xiismo. A cisão ismaelita surgiu em 765, quando Ismail, filho do sexto imã Jafar al-Sadiq, foi deserdado por seu temperamento extremista. O grupo que o seguiu ficou conhecido como ismaelita.

Formaram uma facção secreta, ativa, coesa e organizada que, no século X, converteu a dinastia dos árabes fatímidas, (futuros) governantes do Egito, à sua fé. No entanto, a institucionalização do califado fatímida no governo do Egito levou-o à moderação e forçou-lhe a adotar uma atitude de tolerância; por essa razão, uma cisão ocorreu entre os ismaelitas. Os insatisfeitos, liderado por Hasan ibn Sabah, migraram para a Pérsia, onde seu movimento da Nova Pregação floresceu a partir da fortaleza de Alamut – surgiu assim a seita dos Assassinos.

O imaginário que se criou em torno dessa seita era o de fanáticos hereges, que obedeciam cegamente seu líder, dando-lhe o poder sobre suas vidas e mortes. Pretendiam restaurar a pureza da comunidade islâmica, não poupando meios para isso. Começaram então a prática pela qual ficariam conhecidos: a de atentados contra a vida de lideranças políticas hostis. Sua primeira vítima fora o vizir persa Nizam al-Mulk. Fontes ocidentais e orientais, segundo Lewis⁶⁶, apontam para os mesmos elementos na descrição dos Assassinos. Alguns membros eram tidos pelo chefe como “eleitos” para o sagrado martírio, sendo o Paraíso a recompensa por sua missão. Em rituais secretos, o chefe oferecia aos emissários assassinos uma poção que lhes anteciparia as visões do Paraíso, através do efeito do *haxixin* (haxixe), de onde deriva o nome da seita – Assassinos – e o significado de “homicídio” que a palavra “assassinato” adquiriu nas línguas européias.

⁶⁶ Cf. LEWIS, B., *Os Assassinos*.

A partir do século XI, o movimento Assassino espalhou-se pela Síria, onde passou a ser comandado por Raxid al-Din Sinan ibn Salman. De acordo com um cronista local,

Ele construiu fortalezas na Síria para a seita. Algumas eram novas e algumas eram antigas, que ele havia obtido por estratégias, fortalecendo-as e tornando-as inacessíveis. O tempo o poupou e os reis tomavam cuidado para não atacar suas possessões, temendo os ataques assassinos de seus sequazes. Ele governou na Síria durante trinta e poucos anos. Seu dirigente de missão muitas vezes enviou emissários de Alamut para matá-lo, com medo de sua usurpação da liderança, e Sinã se habituou a matá-los. Alguns destes ele enganava e os dissuadia de cumprir as ordens.⁶⁷

Os Assassinos correspondem a mais um elemento político na fragmentada Síria deste período, comandando cidades, fortalezas e terras. Os dirigentes locais, árabes, turcos ou *franj*, temiam seus atentados e muitas vezes pagavam tributos em troca de segurança. Lendas mágicas e histórias fantásticas sobre os adeptos passaram a fazer parte do imaginário local.

A ascensão de Saladino como arquiteto da unidade e ortodoxia islâmicas fez com que ele fosse considerado o inimigo principal dos Assassinos – já que ele fora responsável pela queda do único governo xiita da região – o califado fatímida. Na década de 1280, Sinan tentou uma política de acordos com os remanescentes do governo zângida e, indiretamente, com o reino *franj*. Segundo Bernard Lewis, Saladino enviou uma carta ao califa, denunciando a aliança dos governantes de Mossul com os hereges ismaelitas.

Os Assassinos efetuaram pelo menos dois atentados contra a vida de Saladino. O primeiro, em 1174, durante o sítio de Alepo; de acordo com Ibn al-Athir, o governante desta cidade, Gümüxtigin, *atabeg* zângida, ofereceu a Sinan terras e dinheiro para que matassem Yussef ibn Ayyub. Os emissários entraram disfarçados no acampamento do exército muçulmano, mas um *emir* os reconheceu e, na confusão resultante, muitas pessoas foram mortas, mas Saladino escapara. No ano seguinte, um assassino invadiu a tenda do sultão e golpeou-lhe, mas ele portava uma forte armadura; então dois outros adentraram em sua tenda, mas os guardas finalmente chegaram e massacraram a todos.

⁶⁷ LEWIS, B., *Os Assassinos*, p. 127-128.

Em 1176, Saladino retaliou cercando Masiáf, cidade-fortaleza reduto da seita, mas um inesperado acordo de paz fez com que o cerco fosse suspenso. Há diversas versões sobre este recuo. Seja por ameaça de um atentado ou de poderes sobrenaturais, Sinan convenceu o sultão. Temos o exemplo de uma carta do Velho da Montanha para Saladino, uma réplica às ameaças do sultão, que diz o seguinte:

Lemos o essencial e os detalhes de sua carta, atentando suas ameaças contra nós com palavras e fatos; Deus meu, é espantoso encontrar uma mosca zumbindo em uma orelha de elefante e um mosquito picando estátuas. Outros, antes de você, disseram estas coisas e nós os destruímos, ninguém pôde ajudá-los. Quer você, então, anular a verdade e favorecer o falso? ‘Aqueles que fizeram mal irão saber a que fim reverterão’. [Alcorão, XXVI, 228] Se de fato suas ordens foram para cortar a minha cabeça e arrancar os meus castelos das sólidas montanhas, estas são falsas esperanças e inúteis fantasias, pois os essenciais não são destruídos pelos acidentais, como as almas não são dissolvidas por doenças. Mas, se voltarmos ao exotérico, percebido pelos sentidos, e se deixamos de lado o esotérico, percebido pela mente, temos um bom exemplo no Profeta de Deus, que diz: ‘Nenhum profeta sofreu o que eu sofri’.⁶⁸

Uma outra narrativa conta que Sinan teria aparecido na tenda de Saladino enquanto um fantasma, e que teria deixado sobre seu leito um bolo envenenado com um papel onde lia-se: “*Estás em nosso poder*”.⁶⁹

Por outra perspectiva, a estratégia de Saladino fazia sentido, pois ao aliar-se com a seita, Saladino privava seus adversários zângidas e os *franj* de um aliado temido. Esta aliança será denunciada, em 1192, por Ibn al-Athir, por ocasião do assassinato do marquês Conrado de Montferrat, em Tiro. Os assassinos, disfarçados de monges católicos, mataram o marquês a punhaladas e, posteriormente interrogados, confessaram que fora o rei Ricardo, inimigo do marquês, o mandante do crime. Segundo Lewis, no entanto, as fontes ismaelitas apontam a autoria para o próprio Sinan, com o aval de Saladino. Ibn al-Athir, no entanto, acusa Saladino de ter dado dinheiro aos Assassinos e autorizado-lhes a abrir lojas nas cidades como Damasco, Alepo e Homs. O que podemos deduzir é que Saladino provavelmente não tinha interesse na morte do marquês, adversário tenaz de Ricardo Coração-de-Leão. A eliminação do marquês significava o fortalecimento do rei.

⁶⁸ LEWIS, B., *Os Assassinos*, p. 131-132.

⁶⁹ MAALOUF, A., *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 172.

O que nos interessa, sobretudo, nesta narrativa é o complexo de alianças e reviravoltas entre os atores políticos. A multiplicidade de identidades, religiões, seitas e interesses na região fazia com os contatos entre os supostos inimigos fosse muito mais próximo do que poderíamos esperar.

4.13 Sobre suas questões de saúde e seu falecimento

Bahaheddin Ibn Shaddad nos revela alguns episódios no qual a saúde de seu senhor encontrava-se seriamente abalada. As noites nos acampamentos militares, as feridas de guerra, a austeridade e rigor consigo próprio, as desavenças entre seus generais foram fatores que possivelmente contribuíram para a debilitação física do sultão. Sua saúde era frágil, pois em sua busca imoderada pela causa do Islã descuidava-se em longas horas de vigília, marchas pelos desertos e batalhas, sempre incansável. Ibn Shaddad mostra preocupação com o fato mas admira, mesmo assim, a sua virtude que ultrapassava sua dor e sua fragilidade física.

On the plain of Acre I saw Saladin overcome by an extremely poor sate of health on account of numerous boils which had appeared on his body from his waist to his knees, so that he was unable to sit down. He would simply lie on his side if he was in his tent, and he refused to have food served him because of his inability to sit. He ordered it to be distributed to the troops. Despite all, he rode from early morning till (...) the sunset prayer. He would say, 'When I ride, the pain goes away, until I dismount'⁷⁰.

Na planície de Acre eu vi Saladino sucumbido por um estado de saúde extremamente frágil por conta de numerosas feridas que apareceram no seu corpo da sua cintura até os joelhos, de modo que o impedia de se sentar. Ele simplesmente deitava de lado, e recusava a comida servida a ele por conta de sua incapacidade de se sentar. Ele ordenava que ela fosse distribuída às tropas. Apesar de tudo, ele cavalgou do início da manhã (...) até a prece do pôr-do-sol. Ele diria: 'Quando eu cavalgo, a dor vai embora, até que eu desmonte.'

⁷⁰ IBN SHADDAD, *The Rare and Excellent History of Saladin*, p.p. 29-30.

Com pouco mais de cinquenta anos, seu corpo não mais agüentou as demandas da *Jihad*, e o sultão faleceu em Damasco, cidade onde encontra-se seu mausoléu, até hoje.

This was a day such as had not befallen the Muslims and Islam since the loss of the rightly-guided caliphs. The citadel, the city, the world was overwhelmed by such a sense of loss as God alone could comprehend. (...)His son al-Afdal held a session for condolences in the north vaulted hall and the citadel gate was barred to all except the elite of the emir and the turbanned classes. It was a terrible day. Each men's grief, sorrow, tears and cries for help kept him from looking at anyone else. (...) At the sight of him cries and great lamentation arose, so much that a reasonable man might have imagines that the whole world was crying out with one voice.⁷¹

Esse foi um dia como não havia acontecido com os muçulmanos e o Islã desde a perda dos califas bem-guiados. A cidadela, a cidade, o mundo estava sobrecarregado por uma sensação de perda que só Deus poderia compreender. Seu filho al-Afdal liderou uma sessão de condolências no salão norte e os portões da cidadela foram barrados a todos exceto a elite dos emires e as classes de turbante. Foi um dia terrível. A mágoa, lágrimas, tristeza e choro de ajuda impediram qualquer um de olhar para qualquer outro lugar. À vista dele, ouviu-se choros e lamentações, tanto que um homem sensato poderia imaginar que o mundo inteiro estava chorando com uma só voz.

Com este final fúnebre, Ibn Shaddad termina o seu relato, do qual apresentamos aqui somente algumas breves passagens. O autor finalmente agradece a Deus por ter permitido que vivesse tantos anos ao lado de Saladino, e por esse motivo decidiu retribuir a graça através da escritura de sua obra. Apesar da autenticidade de seu relato, Ibn Shaddad não era historiador nem biógrafo, e sim antes um homem fiel e devotado a seu amigo, cujo projeto era encarado como sendo o mais justo para o mundo muçulmano de sua época.

⁷¹ Ibid., p. 244.